

**I SEMINÁRIO DE TEORIA E
HISTÓRIA LITERÁRIA**

RESUMOS



Universidade Estadual
do Sudoeste da Bahia

Copyright © 2005 by Edições Uesb
Todos os direitos desta edição reservados a Edições Uesb

REITOR

Prof. Abel Rebouças São José

VICE-REITORA

Prof.^a Jussara Maria Camilo dos Santos

PRÓ-REITOR – PROEX

Prof. Paulo Sérgio Cavalcante Costa

DIRETOR – EDIÇÕES UESB

Jacinto Braz David Filho

COMITÊ EDITORIAL

Prof.^a Ana Maria dos Santos Rocha

Prof. Antonio Jorge Del Rei Moura

Prof. Jovino Moreira da Silva

Prof. Marcello Moreira

Prof. Marco Antônio Araújo Longuinhos

Prof. Nelson dos Santos Cardoso Jr.

Prof. Paulo Sérgio Cavalcante Costa

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Marcello Moreira (UESB)

Profa. Dra. Marília Librandi Rocha (UESB)

Profa. Dra. Patrícia Kátia da Costa Pina (UESB)

COMITÊ CIENTÍFICO

Aleilton Fonseca (UEFS)

Evelina Hoisel (UFBA)

Jorge de Araújo (UEFS)

Márcio Roberto Soares Dias (UESB)

Maria de Lourdes Netto Simões (UESC)

Rosana Maria R. Patrício (UEFS)

Sandra Maria Pereira do Sacramento (UESC)

Sérgio Barbosa de Cerqueda (UESC)



Campus Universitário – Caixa Postal 95
Estrada do Bem Querer, Km 04 – 45083-900 – Vitória da Conquista - BA
Fone: 77 3424-8716 – E-mail: edicoesuesb@uesb.br

OLHAR EUROPEU, TERRA BRASIL: CAMINHA E OUTROS ESCRIBAS

Adriana Matos de Almeida (UNEB/UEFS)

A Carta de Pero Vaz de Caminha registra não só o deslumbramento do europeu diante da beleza exótica da terra “achada”, mas também a posse de sua riqueza. Mais adiante, surgem os tratados informativos dos colonos e dos jesuítas escritos a partir de uma perspectiva de homens que tinham a necessidade de conhecer a Terra para melhor explorá-la. Nestes textos, os cronistas europeus projetam o seu olhar cultural sobre o *outro*, o que resulta em registros sobre a natureza e o nativo, marcados por idealizações e preconceitos. Neste trabalho, pretende-se analisar alguns ângulos deste olhar etnocêntrico, considerando as motivações econômicas e religiosas que sustentam o processo de colonização da terra e de catequização do índio. A regulação das práticas e da consciência do nativo está explicitada nos tratados de Gabriel Soares de Souza, Fernão Cardim e Gandavo, e na própria Carta de Caminha, como deixam claro Alfredo Bosi, Sérgio Buarque de Holanda, Marlise Meyer e Eduardo Hoornart. Propõe-se, então, uma discussão acerca das conseqüências desse olhar na relação *colonizador e colonizado* para a formação identitária do povo brasileiro, a partir do discurso hegemônico do europeu legitimado pela ciência, como sustenta Aníbal Quijano, e pelo próprio Direito, como mostra Boaventura de Souza Santos.

IMAGENS FEMININAS NA POÉTICA DE RUY ESPINHEIRA FILHO: UMA DIALÉTICA ENTRE *EROS* E *THANATOS*

*Adriano E. Rego (PPGLDC – UEFS/
Professor Substituto de Literatura Portuguesa - UESB)*

Trata-se de um trabalho sobre as imagens femininas na poética de Ruy Espinheira Filho, poeta baiano, da geração de 60, e considerado um dos grandes expoentes na poesia nacional. Ruy é autor de dezenas de livros, a exemplo de *Heléboro* (1974); *Julgado do vento* (1979); *As sombras luminosas* (1981); *Morte secreta e poesia anterior* (1984); *A canção de Beatriz e outros poemas* (1990); *Memória da chuva* (1996); *Livros de sonetos* (1998) e *Poesia, A Cidade e os Sonhos – Livros de Sonetos* (2003); *Elegia de agosto e outros poemas* (2005) etc. Assim, destacar-se-ão alguns poemas: "Canção da moça de dezembro"; "Poema de Novembro"; "Campo de Eros"; "Passionária"; "Soneto de Julho"; "Soneto para Safira Disparue"; "Soneto para Sandra"; "Segundo Soneto para Sandra" e outros, refletindo a maneira como o poeta traz, em seus versos, quase sempre mnemônicos, as imagens femininas

que povoam poemas por onde gravita um eu-lírico consciente e capaz de retratar a mulher num equilíbrio raro de forças emotivas e racionais. Portanto, o escritor se depara com duas imagens míticas, *Eros e Thanatos*. Eis um amálgama; uma dialética entre vida e morte, entre pretérito e presente, que ativa no poeta a sua memória ficcional.

ARTIMANHAS DO LEMBRAR: MEMÓRIA E FICÇÃO NO CONTO DE ANTONIO TORRES

Aleilton Fonseca (Professor Doutor de Literatura Brasileira - UEFB)

Nos contos do escritor baiano Antônio Torres (1940), ficção e memória se interpenetram através do registro e da recriação de situações vividas ou presenciadas que são reinventadas no discurso narrativo. Como num jogo de espelhos, os meninos personagens e o narrador adulto refletem-se na escrita e demarcam o seu distanciamento no tempo e a sua proximidade afetiva. Segundo o autor, esses contos "têm como cenário um lugar esquecido nos confins do tempo" onde "os meninos dividiam o seu tempo entre o trabalho na roça, junto com os pais, e o caminho da escola, no povoado". A análise dos contos procura mostrar o andamento do jogo de linguagem e as táticas narrativas acionadas pelo autor para transmutar a experiência em literatura, através do qual se amalgamam os aspectos memoriais e ficcionais do texto.

A TRADIÇÃO LITERÁRIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL E NA FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

Alexandra Vieira de Almeida (UERJ)

Ao nos depararmos com o problema da origem da literatura brasileira, várias vertentes são possíveis, ainda que não definitivas. Alguns teóricos afirmaram que desde o início houve uma literatura, através das cartas dos viajantes. Outros afirmaram que só existiu uma literatura brasileira a partir da época em que o país se tornou independente. Antonio Candido estabelece uma posição mais sintética e filiada aos movimentos trans-disciplinares, ao conjugar o pólo estético e o sociológico-histórico. Separa uma época de "manifestações literárias", isoladas e não sistematizadas para que se pudesse constituir uma literatura propriamente brasileira; e o sistema literário, possível através da relação triádica autor-obra-público e a formação de uma tradição, em que a idéia de

continuidade seria uma forma de diálogo entre autores. No tocante à literatura brasileira, muitos críticos viram no imaginário nacional uma forma dos escritores se afastarem do modelo europeu, delimitando um novo lugar para o intelectual brasileiro, facilitado mais ainda pela motivação política. Quais seriam, assim, os temas para se diferenciarem dos europeus? E, ao mesmo tempo, paradoxalmente, qual seria a influência de outros países da Europa na utilização desses temas? Um novo nativismo influenciaria um romantismo já normalizado, depurado e domesticado? Dessa forma, como a questão referencial, em que se vê a literatura como documento da nação, mais aliado ao fator extrínseco do que ao literário, caracterizaria nossa literatura? Portanto pretendo mostrar o percurso dessa linha de pensamento da tradição da literatura brasileira vista como documento da identidade nacional.

MODERNIDADE E PÓS-MODERNIDADE NA LITERATURA ANTROPOFÁGICA DE WALY SALOMÃO

Alexandre José dos Santos (UESB - Jequié)

Este trabalho é uma leitura sobre o processo literário-antropofágico, envolvendo a contribuição cultural-literária do poeta baiano Waly Salomão. Tal processo define-se como reformular, inovar um ideal de se fazer poesia, ou seja, trazer à tona um novo processo de criação: faz-se uma “digestão” de um modo de pensar, objetivando uma nova linha de pensamento. Para chegar à forma desejada deste trabalho foi preciso uma leitura prospectiva de textos referentes à antropofagia, poesia concreta, estudos relacionados à modernidade e pós-modernidade, além de obras direcionadas ao assunto. Em se tratando dos resultados alcançados, podemos destacar a extrema significância das contribuições dos autores concretistas e o desempenho do poeta Waly Salomão em fazer de sua literatura um meio de intercâmbio cultural. Mais um fato relevante é o processo de valorização da cultura literária-brasileira. Desta forma, tem-se a oportunidade de proporcionar uma ponte entre as fontes literárias, o que torna possível um estudo enriquecedor de forma que se obtenham, cada vez, mais conhecimentos acerca de nossa literatura.

AS FEIRAS-LIVRES NA FICÇÃO SUL-BAIANA: REGISTROS FOTOGRAFICOS E INTERESSE TURÍSTICO

Aline de C. Costa (Graduada em Comunicação/Pesquisadora do ICER –UESC)

Maria de Lourdes Netto Simões (Orientadora – UESC)

Neste estudo, as feiras livres são mapeadas como bens simbólicos da região Sul-baiana. Sua importância histórico-cultural permeia vivências dos escritores regionais e desperta a curiosidade do leitor pela cultura local, impulsionando o trânsito turístico. A fotografia insere-se no estudo como linguagem suplementar à literária, reveladora de imaginários e alvo do interesse turístico. Com base nos estudos culturais, os textos *Gabriela cravo e canela* (1933) e *O menino grapiúna* (1981), de Jorge Amado; *Luanda Beira Bahia* (1971), de Adonias Filho; e *O Bateté* (2000), de Ruy Póvoas, são analisados. A análise é desenvolvida por meio do processo funcional-estrutural (GUMBRECHT, 1998), que considera o propósito do autor (motivação *para*), indo até o nível do arcabouço sócio-histórico (motivação *porque*) pelo qual o leitor busca realizar mediações históricas e sociais. A pesquisa considera o interesse do *leitor-turista* (SIMÕES, 2002) em reconhecer o cenário ficcionalizado, buscando a visibilidade (CALVINO, 1998) da história. A análise dos textos literários evidenciou que os bens simbólicos das feiras são enriquecidos de significação por componentes históricos e identitários relacionados ao cotidiano local, o que suscita o interesse do turista. O estudo verificou que a feira é representada na literatura regional sob diversos aspectos: o do menino que ia à feira e se maravilhava com as cores e as pessoas rudes, de *O menino grapiúna*; o aspecto da diversidade de produtos, em *Gabriela cravo e canela*; o olhar da sensualidade, iconicamente relacionada às cores e sabores dos ingredientes da culinária regional, de *O Bateté*; e aspecto da *diferença* cultural, em *Luanda Beira Bahia*. Foram feitas fotografias da feira do *Centro Comercial de Itabuna* e da *Feira do Peixe*, em Ilhéus. Concluiu-se que o *leitor-turista* é impulsionado a participar do trânsito urbano em torno das feiras-livres, participando do contexto social e enriquecendo a cultura local.

TECNOLOGIA, LITERATURA E MÍDIA PARA A SUSTENTABILIDADE TURÍSTICA ILHEENSE

Aline Santos de Brito Nascimento (FTC/Pesquisadora do ICER – UESC)
Maria de Lourdes Netto Simões (Orientadora – UESC)

A sociedade, nos dias atuais, numa perspectiva pós-industrial e com a informação midiática em lugar de destaque, convive com diversos meios de divulgação que influenciam nas escolhas de consumo. A literatura da região do cacau, conhecida mundialmente, também é um importante elemento de divulgação da cultura local. O turismo, por sua vez, é um dos ramos da economia que mais se beneficia desses fatores, pois fazem com que cada vez mais pessoas conheçam lugares variados e distantes. No entanto, o acesso aos recursos

mediáticos e à literatura também pode proporcionar aos lugares visitados conseqüências negativas como, por exemplo, a superlotação não planejada, que, por sua vez, influencia no aumento de preços e na escassez de infra-estrutura básica de atendimento às necessidades tanto da comunidade local como dos visitantes. Assim sendo, a cultura local sofre interferências agudas, tornando-se cada vez mais difícil a sua recuperação ou sustentação. Cabe, desse modo, aos gestores do turismo planejar com cuidado a forma com que a localidade aparece no recurso midiático, já que uma interpretação equivocada pode trazer ao lugar, por exemplo, um público indesejado. Sendo o turismo um dos maiores motivadores do deslocamento das pessoas em busca de lazer, sua execução provoca um constante intercâmbio entre diferentes e inúmeras culturas, além de aumentar uma considerável parcela da economia do local visitado. As manifestações culturais que fazem parte do cotidiano das pessoas possuem diversos fatores que influenciam na atividade turística e devem ser colocadas em observação, visando à sua sustentabilidade. Para que as estratégias desenvolvidas a fim de atender às expectativas do desenvolvimento sustentável sejam executadas de forma satisfatória, é necessário que as partes interessadas estejam atentas à hierarquia entre os anseios econômicos e sociais vinculados à atividade turística.

A HIPOCRISIA DO PERSONAGEM TONICO BASTOS EM *GABRIELA* DE JORGE AMADO

Amanda Maria Nascimento Gomes (IC – UESC)
Sylvia Maria Campos Teixeira (Orientadora – UESC)

Este trabalho objetiva estudar o comportamento do homem a partir da obra literária *Gabriela, cravo e canela*, do escritor Jorge Amado, regionalista da geração 30/40 da Literatura Brasileira. Analisando o discurso da personagem Tônico Alves, percebe-se a hipocrisia deste diante de uma sociedade machista. No dizer de Bourdieu (1998), ser homem é estar instalado, de saída, numa posição que implica poderes. Assim, a personagem constrói um discurso social baseado em seu poder viril, dono de uma masculinidade capaz de seduzir mulheres, de trair sem pudores. Todavia, é um homem que está diante de uma nova identidade feminina, pois nutre pela sua esposa, uma mulher determinada e dotada de um discurso feminista, um medo covarde.

DA LITERATURA AO CINEMA: UMA (RE)AURATIZAÇÃO EM *O GUARANI*

Ana Carolina Cruz de Souza (UEFS)

Numa acepção clássica, o cânone literário assume um caráter “aurático” (sagrado), singular, imutável. A aura da ficção literária pode ser concebida não só pelo seu valor estético, mas como um constructo ideológico com vistas à sacralização do autor e de sua obra. Isto é o que se pode afirmar em relação a José de Alencar, em se tratando do romance *O Guarani*, visto que esse autor envidou esforços em projetar a “aura”. Mesmo numa era de revisão do cânone, continua sendo consagrado pelas instituições de ensino e pela crítica literária. O objetivo desse trabalho é discutir sobre o processo de sacralização de *O Guarani*, operado pelo referido escritor, bem como por Norma Bengell ao proceder à reprodução fílmica da obra em questão. A escolha do tema advém de um interesse em averiguar de que forma o cânone literário vem se perpetuando na contemporaneidade através de outras linguagens, especificamente do cinema, e em que a adaptação do texto literário para a imagem-em-movimento endossa e/ou problematiza o significado da obra.

SENHORA E SERVO: A TRANSPOSIÇÃO DA REPRESENTAÇÃO DAS RELAÇÕES SENHORIAIS PARA O MATRIMÔNIO EM *SENHORA* DE JOSÉ DE ALENCAR

*Ana Maria Rocha Soares (Pós-graduação em Teoria e
História Literária – UESB) Marcello Moreira (Orientador)*

Visa-se a analisar a representação do matrimônio em *Senhora* e a discutir a transposição para a narrativa alencariana das relações senhoriais características da estrutura escravocrata da sociedade do Segundo Reinado com vistas a compreender como na ficção se empreende a crítica de consórcios que se fundam na venalidade dos cônjuges e que, por conseguinte, implicariam o pertencimento de um pelo outro, assim como um escravo é possuído por seu senhor. Discute-se, outrossim, o mecanismo socialmente instituído da manumissão e como a personagem Seixas dele se vale para restabelecer a ordem institucional da relação marital rompida pela prática difundida de venalidade dos cônjuges.

A JUSTIÇA E O PODER DOS CORONÉIS NA LITERATURA BAIANA

André Luís Machado Galvão. (UESB - Jequié)

Este trabalho propõe analisar a relação de poderes no romance *Os Cabras do Coronel* (1964) de Wilson Lins e no texto historiográfico *Jagunços e Heróis* (1963) de Walfrido Moraes. Busca-se avaliar o poder quase absoluto dos coronéis do interior da Bahia, em sua luta por terras e hegemonia política, tendo ao seu lado os jagunços, numa verdadeira guerra entre exércitos organizados, motivados pelo clientelismo que ainda hoje marca o sertão nordestino. Esse contexto aproxima-se da idéia de Michel Foucault de que o poder não é exclusivo do aparelho de Estado, uma vez que seu exercício é ambíguo, porque cada pessoa é titular de um certo poder. O poder dos coronéis contrasta com a prestação jurisdicional exercida por membros do judiciário e com a força policial, ficando claro que em terreno dominado pelos chefes regionais, o que importa é a truculência, a possibilidade de demonstrar mais força, maior quantidade de jagunços. Através da relação entre literatura e história, suas semelhanças e diferenças, percebe-se que, mesmo em distintas regiões do Estado, os conchavos políticos, a proteção dos governantes e a influência dos coronéis valem mais que as linhas da lei.

O ESPAÇO CONSAGRADO NA LÍRICA DE CAETANO VELOSO

Andréa Melgaço (FJA)

O texto dedica-se a uma análise do espaço geográfico e sua representação mítica na obra de Caetano Veloso. Desde o início, são abordados os conflitos sofridos pelo poeta moderno diante do fazer poético e da realidade que se impõe conturbada e feia; e a partir de uma análise das músicas "Sampa" e "Tropicália", esse paradoxo diante da modernidade é estabelecido, tendo como pano de fundo imagens e melopéias utilizadas pelo eu lírico na sua busca pela subjetivização desse espaço e tempo vividos. A partir da leitura do texto, é possível ir vislumbrando as imagens criadas, "sentir" o espaço cantado e consagrado por Caetano. É estabelecida, ainda, uma relação entre a letra da música "onde eu nasci passa um rio" e a expressão recorrente na obra de Drummond, "coração maior que o mundo"/"menor que o mundo"/"igual ao mundo". Portanto, é proporcionada uma reflexão sobre o fazer poético e o seu tempo e espaço vividos através de uma abordagem simples, da obra de Caetano Veloso, sobre a elevação do espaço a um campo mítico que só é possível ser vivido dentro da palavra poética.

O ESPÍRITO CORPORAL E O CORPO ESPIRITUAL: A POESIA DE AMOR EM MURILO MENDES E O MUNDO SUBSTANTIVO

Andrea Silva Santos (IC FAPESB - UESB)
Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

Nossa comunicação apresenta uma seleção de poemas e trechos de poemas de Murilo Mendes (1901-1975), com o intuito de demonstrar a presença constante da temática corpo-e-espírito e o modo como essa divisão estabelecida no pensamento moderno, sobretudo a partir da filosofia de René Descartes, no século XVII, é contrabalançada, alterada e transtornada na poesia de Murilo Mendes. Destacaremos em especial a figuração da mulher representada como musa inspiradora, virgem espiritual e mulher carnal, confundindo as dimensões de corpo e espírito em uma mesma figuração. Para comprovar nossa proposta de leitura, comentaremos brevemente as *Meditações Segundas*, de R. Descartes, realçando o modo como o filósofo distingue radicalmente corpo e espírito, para então confrontarmos essa perspectiva com a visão que aparece nos poemas de Murilo Mendes. Dentre a fortuna crítica do poeta, o ensaio “O mundo substantivo”, de Haroldo de Campos, servirá como apoio teórico.

O TRABALHO COM A LEITURA POR MEIO DE PROJETOS DIDÁTICOS

*Ângela M. G. S. Martins (Professora Assistente de
Metodologia e Prática de Ensino do Português -UESB)*

A prática de leitura como objeto cultural e social encontra na escola espaços de apropriação de estratégias e instrumentos para favorecer a formação do leitor. A partir de meados da década de 80, a organização do trabalho escolar por meio de projetos didáticos tem apresentado novas metodologias de ensino para o desenvolvimento de atividades com a leitura na escola. Aplicando os conceitos e métodos do trabalho escolar por meio de elaboração de projetos pedagógicos, organizou-se a realização do estágio do curso de licenciatura em letras por meio do desenvolvimento de projetos de leitura literária na escola, facultando ao aluno a seleção da temática e escolha de métodos e recursos de ensino, potencializando a vivência na aula de experiências de encontro com o texto literário, diversificadas e provocadoras de releituras de clássicos indicados para estudo no ensino médio. O trabalho é desenvolvido há quatro anos, permitindo ao aluno graduando o conhecimento de nova forma de planejamento didático e ao estudante do ensino médio uma nova forma de aprender e estudar a literatura. Pretende-se com esta comunicação apresentar essas experiências,

divulgando as ações realizadas, oportunizando o encontro para reflexões e planejamento de ações futuras.

VAZIOS E VEREDAS DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE A POESIA DE WALY SALOMÃO

Anísio Assis Filho (UESB)

Vários são os caminhos indicados pela crítica literária na composição de referenciais qualitativos de poesia e literariedade. A história literária reconhecida no meio acadêmico tem apontado para uma variedade de itens e considerações que podem legitimar textos literários. Neste estudo, apresento o papel da crítica não-acadêmica sobre a poesia de Waly Salomão – apresentada em prefácios e orelhas de livros, cadernos culturais de jornais e revistas especializadas de circulação baiana e nacional. O projeto deste poeta baiano pretendia compor uma poesia não-convencional que, segundo ele, não estaria estritamente presa ao poético graficamente escrito, mas que se confundia com a pessoa, com a voz, a música, e outras possíveis mídias divulgadoras de textos. Desta forma, por entender que existem vazios no campo acadêmico, este estudo avalia a importância desta crítica para qualificação de uma obra e seu espaço dentro da história da literatura brasileira.

A LÍRICA DE RUY ESPINHEIRA FILHO E SUAS INTERSEÇÕES

Antonia Torreão Herrera (UFBA)

A força poética e a realização formal da lírica de Ruy Espinheira já o consagraram como poeta. Sua estética e sua ética artísticas têm expressão teórico-crítica em seus trabalhos acadêmicos voltados para uma reflexão sobre as poéticas da modernidade. Como leitor de Mário de Andrade e de Manuel Bandeira e como docente da UFBA, registra seu pensamento teórico, seu modo de inserção no debate contemporâneo acerca do lugar da literatura, da poesia, nos estudos literários. Pretende-se fazer a interseção dessa prática acadêmica com sua realização poética, numa leitura das possíveis migrações de seu posicionamento ético e estético de um discurso para o outro: o diálogo, as aproximações e os distanciamentos entre o poeta e o crítico Ruy Espinheira Filho.

IDENTIDADE, LITERATURA E TURISMO EM ILHÉUS

Antônio Marcus Lima Figueiredo (Mestrando em cultura e turismo – UESC)

Odilon de Mesquita Filho (Orientador – UESC)

Mostra-se como a literatura de Jorge Amado tem papel central na construção de uma identidade legitimadora na cidade de Ilhéus, na Bahia. Na busca de um diferencial para a disputa entre cidades no mercado mundial do turismo, o poder público utiliza-se de símbolos da literatura amadiana, na medida em que esta é a principal difusora da região sul da Bahia em outras partes do Brasil e do mundo. Entre as obras que retratam a cultura do cacau e que são utilizadas no marketing da cidade, *Gabriela, cravo e canela* se destaca, devido ao processo de valorização simbólica pelo qual passou, ao ser adaptada para TV e para o Cinema.

A IMPRENSA DO SÉCULO XIX COMO VEÍCULO DE COMBATE E DE VOZ DA EMANCIPAÇÃO FEMININA

Aparecida Maria Nunes (Universidade Vale do Rio Verde – Unincor)

Durante a primeira metade do século XIX, surgiram no Brasil alguns jornais dedicados às mulheres. A imprensa, timidamente, começava a se segmentar. Mas, apesar de já trazerem no título o público-alvo ao qual se destinavam e de adotarem pautas ao gosto dos interesses das mulheres letradas da época, esses periódicos – como *O espelho das brasileiras* (Recife, 1831) e *A fluminense exaltada* (Rio de Janeiro, 1832) – eram fundados e dirigidos por homens. E, não raro, as matérias também eram escritas por redatores que, muitas vezes, adotavam pseudônimos femininos. Somente no período entre séculos (segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX), as imprensas feminina e feminista ganham expressão no país, sobretudo pela luta do direito à educação e do voto da mulher. Mesmo com duração efêmera, não se pode negar a importância de tais jornais para a consolidação de novo perfil da jovem habituada ao bordado e às lições de piano. No entanto, adotando a linha editorial a favor da emancipação da mulher, o semanário *O sexo feminino*, lançado em 1875, na pacata cidade de Campanha, no sul de Minas, instaurava nova tendência na história do jornalismo brasileiro. De reconhecida cultura e ousadia, amiga de D. Pedro II, Francisca Senhorinha da Motta Diniz lança, edita e redige seu semanário, em época de profundas inquietações políticas e sociais, conclamando sua leitora a não abdicar do direito à educação intelectual. E, mediante discurso inflamado e

revolucionário para a época, *O sexo feminino* manteve, ininterruptamente, suas 800 edições.

ESBOÇO DA FICÇÃO CIENTÍFICA ATUAL NAS HQS

Arizângela Oliveira Figueiredo (IC – PICIN – UNEB)

Silvio Roberto dos Santos Oliveira (Orientador – UNEB)

A ficção científica encontra terreno fértil no mundo das Histórias em Quadrinhos. A constituição, os poderes adquiridos cientificamente e os aparatos tecnológicos são reavaliados pelos escritores para alcançar o espaço contemporâneo. Ficam para trás os efeitos da *radiação* e ganham forma a engenharia genética, os *cyborgs* que potencializam os sentidos humanos através de aparatos *high-tech*, máquinas cada vez mais velozes, o espaço-tempo sempre possível. Configurando essas linhas, além dos já famosos roteiristas como Alan Moore, Franklin Miller e Grant Morrison, somam-se a eles os discretos e secretos admiradores do mundo quadrinhístico: os *Fanwriters*. Escritores de fanfics disseminam os conflitos do espaço científico-tecnológico e se permitem desenhar as feições de histórias de seus personagens preferidos. Espaço propício para diversas inspirações, o hiperespaço alcança as delineações e conflitos marcados pela própria ficção científica: a lógica das verdades, conflito corpo-máquina, o espaço virtual, desterritorialização. No jogo dessas relações, a ficção científica, no presente trabalho, configura-se como espaço propício e atuante de seus próprios embates. A partir da análise de personagens tais quais Batman, Superman, X-men e Homem-Aranha e algumas *fanfics* do hiperespaço, discutiremos os embates que permeiam a ficção científica atual nas HQs.

O SILÊNCIO NA OBRA DE GRACILIANO RAMOS – UMA QUESTÃO EXISTENCIAL

Aurélio Ricardo Filho (IC - UESB)

Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

A proposta desta comunicação é apresentar e analisar a constituição do silêncio na obra literária. Partimos, especificamente, da leitura de dois livros de Graciliano Ramos – *Angústia* (1936) e *Insônia* (1947). Abordaremos o silêncio não apenas enquanto ausência de sons, mas entendendo-o também como o lugar dos vazios ou o lugar-vazio que se configura como um lugar-comum na literatura moderna, de tal modo e em tal intensidade que corre ela mesma o risco de

tornar-se silenciosa ao expressá-lo. Observando a depuração com que se firma a escritura do autor, os recursos estilísticos dos quais se vale, através da descrição dos espaços, dos objetos, buscaremos demonstrar como, por meio da linguagem e da relação espaço x homem, Graciliano descreve situações nas quais o que determina o silêncio não é propriamente uma ausência de sons que domina o mundo, mas algo que penetra no íntimo do indivíduo, determinando sua existência e sua condição, reforçada numa exclusão social e existencial. Verificada a maneira como o autor nos apresenta o silêncio – em situações diárias, corriqueiras –, tratamos de ver o aspecto existencial humano. “*Um grande silêncio envolve o mundo. Há uma terrível injustiça. Por que dormem os outros homens e eu fico arriado sobre uma tábua, encolhido...*” Insônia. Angústia. Silêncio. Nossas referências teóricas incluem George Steiner (*Linguagem e Silêncio*); Lourival Holanda (*Sob o Signo do Silêncio*); Antonio Cândido (*Ficção e Confissão*) e Alfredo Bosi (*Céu, Inferno*).

TIPOGRAFIA POPULAR: O ILEGÍVEL COMO CAMINHO PARA A PERCEPÇÃO DA MATERIALIDADE

*Bruno Guimarães Martins (Professor MS. UFMG/Faculdade
Promove e Instituto J. Andrade)*

À margem das mídias convencionais, a tipografia popular é um ato comunicativo que aparece discretamente no espaço cotidiano. Forma anônima de comunicação, essa escrita é capaz de estimular a atividade criadora do leitor, através de seus caracteres excêntricos e irregulares. As singularidades formais e contextuais da tipografia popular proporcionam um processo de leitura incomum, pois seu caráter de excentricidade em relação aos parâmetros de legibilidade, que norteiam a tipografia clássica, conduzem a atenção do leitor, simultaneamente, para a materialidade dessas manifestações e para a complexidade do espaço cotidiano. Se em geral não há, na tipografia popular, complexidade frasal, encontramos nesses textos uma grande complexidade espacial e material. Ao mesmo tempo que o leitor compreende o significado de uma determinada placa ou inscrição, impõem-se a ele outras características contextuais e materiais singulares que o impelem para além dos significados imediatos. Os sentidos do ilegível na tipografia popular se configuram como uma emergência que é experimentada pelo leitor não só a partir da visualidade, pois a interrupção do acesso ao significado abre ao leitor-passante a possibilidade de aproximar suas percepções das presenças que se fazem ver na materialidade das inscrições. Temos então uma proposta de utilizar os conceitos desenvolvidos por Gumbrecht de "materialidade da comunicação" e de "produção de presença" para compreender as manifestações da tipografia que chamamos de popular,

distanciando a análise de uma estratégia hermenêutica para aproximá-la das possibilidades do estético na vida cotidiana.

A VISÃO PROFÉTICA DO VELHO DO RESTELO E A DESCONSTRUÇÃO DO MITO CAMONIANO

Celiane do Lago Novaes (UESB - Jequié)

A epopéia *Os Lusíadas*, obra prima da Língua Portuguesa, considerada como uma das obras mais proeminentes da literatura universal, foi publicada em 1572, por Luis Vaz de Camões, tido como maior escritor português do período clássico. Partindo de uma análise da obra, pretende-se mostrar a "destruição do mito" camoniano da conquista portuguesa no episódio do Velho do Restelo, que se configura, assim, como uma profecia do fim do Império Marítimo português, concretizada com a morte do rei D. Sebastião e a passagem de Portugal para o domínio da Espanha. Toma-se como base teórica Eduardo Lourenço (1991) em sua idéia de "hiperidentidade", ou seja, a idéia de que o povo português tem como referência identitária esse passado glorioso. Observa-se, então, na epopéia *Os Lusíadas*, um verdadeiro contraste entre a exaltação do povo português por meio de um sonho de abarcar o mundo em seus braços e a realidade de estar próximo de perder o próprio estatuto de nação.

A REPRESENTAÇÃO DA COLONIZAÇÃO LUSA EM HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA

Clara C. Souza SANTOS (IC – UESB)
Marcello Moreira (Orientador)

Visa-se a analisar a representação do processo de colonização lusa na América portuguesa a partir da leitura de *História da América Portuguesa* de Sebastião da Rocha Pita. Parte-se primeiramente da discussão da relação entre discurso histórico e retórica epidítica para, logo depois, empreender-se uma leitura de *História da América Portuguesa* em que se tornem inteligíveis os recursos lingüísticos empregados pelo autor para promover a justificação da colonização lusitana e o combate às tribos indígenas que impunham resistência à desapropriação de terras que lhes era imposta pelos europeus. Discute-se, sobretudo, o uso da *amplificatio* como recurso que implica a construção de uma imagem salvífica relativamente aos índios respaldada em uma ideação do Império Marítimo Lusitano como portador da salvação.

(RE) VISITANDO A TRADIÇÃO: A LITERATURA DE CORDEL DE AUTORIA FEMININA

Clarissa dos Santos Bertino (PPGLDC - UEFS)

Acompanhando a própria dinâmica da pós-modernidade – inovadora na (re) criação de conceitos e instauração de polêmicas –, os estudos sobre Literatura Popular remetem a um assunto “relativamente novo”: a Literatura de Cordel de autoria feminina. Silenciadas durante algum tempo pela tradição literária, as mulheres autoras de folhetos começam a ensaiar seus primeiros passos de alteridade, burlando e/ou ampliando sua participação no discurso cultural brasileiro. A presente comunicação se propõe lançar um olhar sobre a temática à luz da complexa rede imagético-discursiva de textos teóricos e ficcionais, que, balizados pelas Teorias Críticas da Modernidade e da Contemporaneidade, redimensionam alguns conceitos já estabelecidos e consagrados. O folheto em prosa de Neide Siqueira Amback – *Sinhá Deodata: O Coronel de Saia*; e o folheto em verso de Cecília Maria Rodrigues Nahas – *Trilhando a Vida em São Paulo* – serão os pontos de partida para recuperar essa polifonia de vozes femininas, numa tentativa de verificar a possibilidade de trazerem novos sintagmas que questionem o paradigma convencional da autoria masculina.

A CRÍTICA LITERÁRIA E A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA: ESTUDO DE CASO

Claudio Novaes (Professor Doutor de Literatura Brasileira - UEFS)

Através da análise semiológica e cultural dos romances *Amar, verbo intransitivo* (1927), de Mário de Andrade, e *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego, faremos um contraponto entre eles, para, em seguida, observarmos os resultados fílmicos das suas adaptações cinematográficas nos filmes *Menino de engenho* (1966), dirigido por Walter Lima Jr; e *Lição de amor*, dirigido por Eduardo Scorel; para tanto interpretaremos em dois níveis as narrativas literárias e cinematográficas brasileiras: primeiro, o nível ético da história e do contexto cultural das escrituras, com a comparação interdiscursiva das formas narrativas dos dois romances saídos do modernismo dos anos 1920/1930; segundo, analisando as conseqüências estéticas do movimento da literatura nacional-popular modernista, acompanhando suas repercussões inter-semióticas e seus

reflexos estilísticos concretos nas imagens cinematográficas do contexto ético e estético do novo tema nacional-popular do cinema moderno brasileiro dos anos 1960/1970.

ECOS DA HISTÓRIA NA POESIA LÍRICA DE FLORISVALDO MATTOS

Cleberton dos Santos (PPLDC – UEFES)

A Literatura, enquanto possibilidade de revisitação dos acontecimentos históricos, consoante ou dissonante às versões oficiais dos fatos, tornou-se uma das vertentes dos estudos literários contemporâneos que vêem como produtiva a intrínseca relação entre ficção e história. Assim, nesta comunicação apresentaremos uma discussão sobre a releitura da história através da poesia lírica, especificamente na produção de Florisvaldo Mattos (1932), um dos principais autores da Geração 60 na Bahia. Abordaremos a poesia desse escritor baiano justamente enquanto expressão lírica capaz de "dramatizar" o discurso histórico, imprimindo-lhe uma outra versão dos fatos: a poética. Apoiados teoricamente no estudo de Ida Alves sobre o diálogo entre a história e a poesia lírica portuguesa do século XX, demonstraremos como, na lírica florisvaldeana, através do poema "Revisitando Guernica", a história é ponto de partida para a construção metafórica de um mundo de formas e sons que dramatizam cenas da Guerra Civil Espanhola, efetivamente o bombardeio à cidade de Guernica.

ANDERSEN E O LEITOR: DOIS CONTOS ‘PARA CRIANÇAS’

Cleide da Luz Andrade (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Patrícia Kátia da Costa Pina (Orientadora - UESB)

Estudo da recepção da literatura infantil, a partir dos contos "O soldadinho de chumbo" e "O patinho feio", de Hans Christian Andersen, pelo viés da Teoria do Efeito, desenvolvida por Wolfgang Iser. Objetiva-se perceber o processo de recepção dos referidos contos, através do enfoque das estruturas de efeito que presidem o ato da leitura. Para Iser, o leitor ideal é aquele que se disponibiliza, que se abre para a leitura, como resposta às provocações textuais. O ato de ler demanda uma atividade imaginária, que funciona como um tipo de recriação do texto, como apropriação do texto. Assim, esta Comunicação se propõe analisar a relação entre os contos de Andersen e seus possíveis leitores, trabalhando a construção narrativa.

"LADRÃO SE MATA COM TIRO": LÍRICA E AUTORITARISMO EM "MORTE DO LEITEIRO", DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*Cristiano A. da Silva Jutgla (Professor Assistente de Literatura Brasileira -
UNEB/Doutorando em Literatura Brasileira - USP)*

O objetivo da comunicação é realizar uma leitura crítica das relações entre sujeito lírico e autoritarismo no poema "Morte do leiteiro", de Carlos Drummond de Andrade. Nossa análise centra-se na tensão interna do poema que, advinda de uma narrativa de conteúdo altamente violento, se configura alegoricamente em um discurso de resistência à "modernidade conservadora" brasileira dos anos 30 e 40, bem como ao Estado Novo, marcado por seu projeto totalizante de nação homogênea. O trabalho terá como apoio teórico as reflexões de Theodor Adorno, Walter Benjamin e Simon Schwartzman acerca do autoritarismo. O texto é resultado de nossa pesquisa de doutorado, em andamento, sobre o livro *A rosa do povo*.

O CONCEITO DE JOGO EM JOHAN HUIZINGA E HANS ULRICH GUMBRECHT

*Daniel dos S. Andrade (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)*

Este trabalho se configura como uma leitura prospectiva acerca do conceito de jogo e da sua importância na teoria estética contemporânea. Para tanto, parte-se do estudo da obra *Homo ludens*, de Johan Huizinga (1938), especificamente no que concerne à idéia de jogo na poesia e na arte, bem como à sua expressão na linguagem. Em seguida, discute-se a concepção de jogo segundo Hans Ulrich Gumbrecht e sua relação com a literatura, tal como exposta no texto "A mídia literatura", e sua ampliação nos textos "É apenas um jogo" e "As formas da violência". Tal investigação perpassa pelo domínio das ciências humanas, principalmente pela teoria e crítica literária, filosofia e cultura contemporânea e pretende discutir e perceber as prováveis correlações e/ou diferenças entre as concepções de Huizinga e de Gumbrecht.

TRABALHO E A IDENTIDADE NOS CONTOS POPULARES

Edil Silva Costa (UNEB)

Os contos populares do ciclo do Pedro Malasartes e do João Preguiçoso apresentam tipos que agem de acordo com um código social muito próprio, tendo a malandragem e a preguiça como suas principais características, respectivamente. Estuda-se a permanência e persistência desses temas na literatura oral, uma vez que, enquanto mitos largamente difundidos na cultura brasileira, a preguiça e a malandragem contribuem para forjar nossa identidade. Em um momento de tanta fragmentação, questionamentos e interseções de códigos, interessa compreender como se organiza o sistema semiótico que garante o equilíbrio desse discurso. A observação dos tipos malandros e preguiçosos, difundidos e tradicionalmente aceitos, permitiu delinear as questões como: que significado tem a permanência e atualização desses tipos? Como os narradores de comunidades tradicionais adequam essas imagens ao seu código cultural, festejando a esperteza ou condenando a preguiça? Considerando a cultura como um processo, questiona-se como e porque esse sistema de valores foi aqui inserido e como permanece principalmente nas referências a certos grupos e regiões mais periféricos.

JUBIABÁ: UMA HISTÓRIA DA RESISTÊNCIA DO NEGRO NA BAHIA

Edivaldo Conceição Santos (UNEB)

Esta comunicação tem por objetivo analisar o modo pelo qual o romance *Jubiabá*, do escritor baiano Jorge Amado, contribui para entender as formas de resistência do negro na cidade negra da Bahia. Este estudo parte da compreensão de que essa narrativa desmonta a história oficial, ao fazer emergir as lutas do negro para afirmar e preservar sua cultura, seus valores, tradições e modos de vida que rompem com a lógica do colonizador. Em sua trajetória, o herói Antônio Balduino torna visível, e aqui evoco Italo Calvino, uma cidade que os brancos queriam silenciada. Este romance, que hoje completa setenta anos de publicação, mantém-se ainda atual, por fertilizar uma discussão sobre o mito da democracia racial, um discurso das elites que perpetua a exclusão do negro da sociedade brasileira.

FICÇÃO E HISTÓRIA NA OBRA *QUINCAS BORBA*, DE MACHADO DE ASSIS

Eleuza D. A. Tavares (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)

Patrícia Pina (Orientadora - UESB)

Estudo das relações entre o discurso ficcional e o discurso da história, na obra *Quincas Borba*, de Machado de Assis. Trata-se de analisar, a partir da relação da história com a literatura, a polêmica questão da produção das versões possíveis de uma dada realidade sócio-política. Essa polêmica está circunscrita à possibilidade de se ler a história como se fosse a literatura e de ver na literatura a história que se escreve, o que coloca a necessidade de se estabelecer a inter-relação dos processos simbólicos, sociais e políticos, admitindo que o real permite e estabelece a convivência, em diálogo, de uma série de aproximações possíveis. Recriando o real, para a constituição da nação brasileira, história e literatura buscaram construir uma identidade para o país, é essa recriação da memória que referenda o discurso dessas disciplinas e nos permite dialogar tanto com suas especificidades quanto com o entrelaçamento de ambas, possibilitado pela apropriação do real. A investigação da construção do discurso literário machadiano, de suas estruturas provocadoras e direcionadas da recepção, enfocando a tensão entre história e literatura será o objeto desse estudo.

UM ÉDEN CAPITALISTA: A DESSACRALIZAÇÃO DO MITO DO PARAÍSO NOS ROMANCES *TERRAS DOS SEM FIME* *SÃO JORGE DOS ILHÉUS* DE JORGE AMADO

Elisângela Oliveira de Santana (UNEB, Campus V)

Paulo de Assis Guerreiro (UNEB)

O presente estudo é uma tentativa de se compreender, a partir do texto literário, os principais elementos que constituem a relação entre mito e identidade. Para tanto, escolhemos os romances *Terras do Sem Fim* e *São Jorge dos Ilhéus* do autor baiano Jorge Amado, pois nestas duas narrativas, muito mais do que em outras do mesmo autor, encontramos com bastante intensidade a presença de imagens míticas, sobretudo as que se referem ao mito do paraíso. Contudo, Jorge Amado faz uma descrição do paraíso como uma espécie de projeção da vida sócio-cultural grapiúna no início do século XX, período em que a região vivenciava o auge econômico do cacau. Neste caso, predomina uma interpretação materialista da idéia de eldorado que se estabeleceu no Brasil desde

o seu processo de colonização. Vale ressaltar que esta é uma temática que, nas pesquisas sobre a obra de Jorge Amado, praticamente só tem sido citada de modo secundário ou como ilustração para o desenvolvimento de outros temas. Acreditamos, portanto, que a forma como as imagens míticas são abordadas no texto ficcional amadiano pode nos ajudar a melhor compreender as representações de uma modernidade brasileira que, em que pese a polêmica, manteve a imagem do paraíso como um dos principais elementos de reflexão sobre a identidade nacional.

SOBRE ESPICILÉGIOS E FLORILÉGIOS. APROPRIAÇÃO DE OBJETOS LITERÁRIOS E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA HISTORIOGRAFIA OITOCENTISTA: CONSIDERAÇÕES SOBRE UM PARADIGMA DEFECTIVO PER SI

Elton Silva Salgado (Professor Substituto do DH - UESB)

O século XIX fez da filosofia "apêndice da ciência", as descobertas da ciência e os avanços técnicos fizeram o positivismo contrário às abstrações com o seu método experimental, objetivo; centrado em dados positivos da experiência, em âmbitos puramente formais da lógica pura e da matemática, e em recusas de todo conhecimento dito "transcendente" – metafísica, teologia *et cetera*. Daí, que o pensamento positivista imprimiu na história uma nova orientação voltada para a coleta, comprovação, ordenação e crítica, operações metodológicas necessárias para legitimar a autoridade do pesquisador e garantir à história os foros de cientificidade, como se sabe, assente em "documentos seguros". A par disto, esta comunicação empreende a contextualização historiográfica do século XIX, suas relações com os conceitos de nação e civilização, a busca de uma identidade monárquica referenciada pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, a quem coube coligir, metodizar, publicar e organizar em arquivos os documentos necessários para se forjar essa mesma identidade. Pretende-se também a crítica de uma proposta que reclamava para si liames de cientificidade, a qual seria garantida pela neutralidade e a segura análise do texto, a par de operações analíticas e sintéticas, ou seja, a reunião de documentos e sua crítica interna ou positiva (hermenêutica) mais o agrupamento de elementos isolados em quadros gerais. Finalmente, pretende-se discutir uma das impertinências da historiografia oitocentista: negar a metafísica por outra metafísica – transcender o objeto para algo fora dele e, não raro, atribuir-lhe características extemporâneas. À guisa de parnasos ou florilégios, galerias ou edições, as análises literárias ora representam verdadeira declaração de princípios sobre a idéia de literatura brasileira, ora tornam-se meros espicilégios, isto é, compilações imobilizadas

como documentos. E os *leitmotifs* dessa empresa são duas apreciações de Francisco Adolfo Varnhagen: o *Florilégio da poesia brasileira* e o *Ensaio histórico sobre as letras no Brasil*.

O DISCURSO CRÍTICO E A CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS POÉTICAS NACIONAIS NO SÉCULO XIX BRASILEIRO

Essiane Lemos Leal Sena (Graduada em Letras - UESB)
Patrícia K. da C. Pina (Orientadora)

Este trabalho visa a mostrar como foram construídas as imagens que formariam o que se chamaria de literatura brasileira no início do século XIX, usando como objeto de investigação recortes da produção poética de Gonçalves Dias para patentear o constructo referente à imagem do índio e, conseqüentemente, à imagem do homem brasileiro. Analisar-se-ão, aqui, discursos formadores que foram basilares na elaboração do que se chamaria de literatura nacional e do que se chamaria de Nação Brasil, mostrando como a literatura se fez elemento determinante na formação da identidade nacional.

OS (10 DES)DIREITOS DO LEITOR: ITINERÂNCIAS LITERÁRIAS NA ESCOLA

Ester M. de F. Souza (Professora de Metodologia e Prática de ensino do Português - UESB)

A comunicação é fruto de produção de trabalhos com oficinas temáticas sobre leitura e formação do leitor, realizada em eventos de extensão (Projeto Tecendo Leituras, 2004) e de atividades de ensino de graduação no curso de Letras. Parte da sensibilização do sujeito leitor, pela sua exposição ao campo literário, por meio de estratégias de leitura, esquemas conceituais e produção escrita. Aborda a produção da leitura literária na dimensão da leitura com o outro, no contexto da aula, sintetizando-a como prática escolar possibilitadora de constituição de sentidos, no percurso de interação texto/leitor/autor. Reafirma a importância da leitura literária na escola, delimitando o papel da escola como agente de formação, polemizando acerca de contribuições de experiências pedagógicas bem sucedidas para a formação do gosto literário. Utilizou-se o estudo da exploração do livro *Como um romance*, de autoria de Daniel Pennac, recortando-o didaticamente em cenários literários, por meio dos dez direitos do leitor descritos pelo autor, distribuídos em capítulos do livro. Por fim, ilustra a

conclusão do estudo (10 des)direitos do leitor, sendo a polifonia da palavra (des)direitos tratada tanto metaforicamente como numericamente.

MEU QUERIDO CANIBAL: A METAFICÇÃO HISTORIOGRÁFICA COMO ATO ANTROPOFÁGICO

Eugênia Matens de Souza (PPGLDC - UEFES)

Os estudos culturais ganharam espaço mediante toda contradição do mundo pós-moderno. As artes se viram no rol da desconstrução. A literatura também ficara à mercê dessa revolução artística. A narrativa contemporânea, como toda arte pós-moderna, vive o paradoxo metaficcional, quando pensamentos são contraditórios e a forma de pensar traz versões outras daquilo que se tinha cristalizado. Isso ocorre com o texto "Meu querido canibal", de Antonio Torres, cuja narração conduz o leitor a séculos passados, para o espaço onde ocorreram os fatos narrados e o faz olhar para esse passado sob outro ângulo. A partir da visão pós-moderna, far-se-á a leitura de "Meu querido canibal". Através da ficção, ele oportuniza a visão de mais uma face da história. Com uma atitude antropofágica ele oferece um banquete em nome da história da *Confederação dos Tamoios*. A metaficção historiográfica é o artifício utilizado para parodiar esse capítulo da história nacional. É nesse discurso fora do lugar que se manifesta o processo de debilitação de histórias cristalizadas. O descentramento do olhar empresta à história oficial outros recortes, não para trocas, mas para montagem de uma visão mais ampla. Nessa nação em que muito se pregara a homogeneização, sente-se o pulsar contínuo da heterogeneidade no sentido de deslocar olhares, como fez Antônio Torres que, sem história, monta recortes numa narrativa com a qual se mostra seu ato antropofágico. Num gesto de ternura, ele traz Cunhambebe, figura indígena singular na trajetória da *Confederação dos Tamoios*, porém esquecido pela história, e, nesse aspecto, a indignação se apresenta quando se percebem atos atrozos de 'peroz' – forma como Cunhambebe tratara o português, significando feroz, pois queria, este último, escravizar os índios.

MEMÓRIAS: AS REPRESENTAÇÕES DA CIDADE DE FEIRA DE SANTANA POR GODOFREDO FILHO E EURICO ALVES

Evanice Pereira dos Santos (PPGLDC - UEFES)

Com o advento da modernidade, a cidade passou a ser uma das temáticas centrais da poesia. Desde então, os poetas observam as cidades em processo de desenvolvimento, registrando a dinâmica da vida urbana, na qual exercem a sua condição de cidadãos e artistas participantes da experiência social. Este trabalho gira em torno dos poemas "Poema da Feira de Sant'Ana" (1926), de Godofredo Filho, e "A canção da cidade amanhecendo" (1937), de Eurico Alves – ambos poetas feirenses. O objetivo é evidenciar, através do estudo comparativo, que os autores tratam a cidade de Feira de Santana em duas perspectivas diferentes. O primeiro, como cidade-memória e, o segundo, como cidade-síntese, porém de forma idealizada, memorialística, por estarem escrevendo de longe, de fora dessa cidade. Os poemas foram escritos em Salvador, cidade na qual passaram a residir, certamente sem acompanhar de perto as modificações sofridas pela cidade natal ao longo do tempo.

UMA POÉTICA DAS MIGRAÇÕES E DAS TRANSMIGRAÇÕES

Evelina Hoisel (UFBA)

A partir da produção de Silviano Santiago, pretende-se delimitar os processos migratórios e transmigratórios de sua escrita, considerando as conexões estabelecidas entre os discursos ficcional, teórico e crítico. Os deslizamentos e entrecruzamentos que se efetuam nos espaços textuais possibilitam pensar a constituição de uma poética que se monta revertendo categorias teóricas, críticas e históricas, em constante processo de articulação e de reelaboração. Percorrer esses múltiplos movimentos migratórios propicia indagar sobre a inserção do intelectual Silviano Santiago na cena contemporânea e as implicações do seu projeto cultural e de sua poética no contexto nacional e transnacional, delimitando-se ainda uma espécie de lição metodológica da difusão do saber em tempos midiáticos e globais.

A HERANÇA POÉTICA DE CARLOS CHIACCHIO

Fabrizio dos Santos Brandão (Aluno especial do Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFBA)

A presença de Carlos Chiacchio na vida pública da Bahia, na primeira metade do século XX, pode ser conferida, sobretudo, por sua atuação como crítico literário. Todavia, foi também poeta. Nesta comunicação, dar-se-ão informações a respeito do autor e da obra, bem como do tratamento que será

dado ao tema em questão. Pretende-se, através da busca de textos éditos, inéditos e dispersos, nas mais variadas temáticas, marcar o lugar deste escritor no cenário da literatura baiana.

NARRATIVA POÉTICA: TRADIÇÃO E RUPTURA

Fani Miranda Tabak (Professora Doutora de Literatura Brasileira - UESB)

Este trabalho tem como objetivo central a apresentação e discussão de um gênero híbrido, comumente conhecido como narrativa poética. O termo utilizado por Jean Yves-Tadié - *Récit poétique* -, no final dos anos setenta, ganhou espaço nos estudos que envolveram a revisão da teoria dos gêneros em décadas posteriores. Nos Estados Unidos, com a pesquisa de Ralph Freedman, desde o final da década de sessenta, o gênero em questão, a que ele denomina *lyrical novel*, abriu caminho para os estudos da teoria dos gêneros desde o Romantismo. A aliança dessas duas vozes críticas, como ponto de partida, revela as peculiaridades de um gênero que manteve sob tensão elementos da tradição e a constante formalização de ruptura. Ancorada em preceitos muito próximos aos da narrativa mítica, com as devidas proporções, a narrativa poética desdobrou-se ao longo da modernidade como um gênero polivalente e proteiforme. Esteve sempre ao lado do romance, mas mantendo uma voz autônoma, propiciada pelo uso e pela importância estrutural da poesia em seu âmago. A necessidade de busca, uma constante nas narrativas poéticas, desdobrou, ainda, temas que envolvem desde as narrativas de aprendizagem até conceitos como o de romance pós-moderno. Essa diversidade de temas, que se reflete diretamente na estrutura do gênero, propicia a variabilidade da construção formal de busca ontológica e problematiza a sua classificação na ordem historiográfica da teoria dos gêneros. Nesse aspecto, o seu estudo teórico e a observação de suas aplicações práticas, em épocas tão distintas, desenvolvem uma noção do gênero como mantenedor da tradição, mas submetido à concepção estrutural de sua natureza transgressora.

IARARANA E A CARTA DE CAMINHA: FOCOS SOBRE A CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO BRASILEIRA

Gisane Souza Santana (IC - UESC)

Sandra Maria Pereira do Sacramento (Orientadora -UESC)

Este estudo apresenta uma reflexão sobre a questão identitária e cultural da nação brasileira a partir da obra *Iararana*, de Sosígenes Costa e do relato de Pero

Vaz de Caminha acerca do achamento do Brasil. O primeiro texto conta a chegada de um personagem mítico à foz do rio Jequitinhonha e os desdobramentos de sua presença nessa região, enquanto a *Carta* a El Rei D. Manuel - referida neste trabalho como *Carta de Caminha* - se ocupa de expor em detalhes a nova terra, a figura do indígena e seus primeiros contatos com o homem europeu. Com base nos Estudos Culturais, a análise dos textos literário e histórico destaca a construção identitária e mitológica da nação a partir dessas narrativas. Desse modo, este trabalho apresenta características estratégicas de intertextualidade das narrativas de fundação no âmbito do nacional – Brasil - e do local – região Sul-baiana, atentando para a questão da diferença e da identidade cultural (HALL, 1999) pensando uma re-leitura da região, através da intersecção de focos distintos: do colonizado e do colonizador.

IMITATIO NATURAE: UM ESTUDO SOBRE MIMESIS NO CARAMURU DE SANTA RITA DURÃO

Halysson F. D. Santos (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marcello Moreira (Orientador)

A história da literatura ocidental é marcada pelo debate em torno do conceito de imitação. O conceito *mimesis* recebeu vários tratamentos nas diversas preceptivas produzidas desde Platão até a queda do sistema retórico, ainda vigente em fins do século XVIII. Esses tratamentos, contudo, sempre retomavam dois posicionamentos básicos: ora a *mimesis* era vista como um procedimento negativo (posição de Platão na *República*), ora, segundo uma tradição aristotélica inaugurada na *Arte Poética*, como um procedimento definidor da poesia e altamente positivo. Uma outra questão que ocupou os preceptistas diz respeito aos entendimentos de *mimesis* enquanto *imitatio naturae*. Procurar-se-á, nesse trabalho, estudar os modos como o conceito *mimesis* era concebido nas letras do Setecentos, e, particularmente, como a *mimesis*, entendida como *imitatio naturae*, foi utilizada na produção do Caramuru de Santa Rita Durão.

DOIS OLHARES E UMA VISÃO SOBRE MACHADO DE ASSIS

Helena Novais de Paula Freitas (Graduada em Letras -UESB)
Patrícia K. da C. Pina (Orientadora – UESB)

Este trabalho pretende mostrar como, através do pensamento de dois importantes nomes da crítica e da história literária brasileiras, José Veríssimo e

Silvio Romero, se deu a recepção crítica das obras machadianas. Muitos foram os critérios e as metodologias adotadas por estes e outros especialistas no assunto, para se tentar chegar a um consenso sobre o caráter de nossa literatura e de seus autores. Dentre eles, o mais significativo foi a exaltação do sentimento nacional. Dentro dessa perspectiva nacionalista, a literatura machadiana provocou forte polêmica. Esta Comunicação visa a investigar a relação entre a crítica produzida pelos dois intelectuais citados e a consolidação do mito machadiano nas letras brasileiras.

FICÇÃO E HISTÓRIA EM *VIVA O POVO BRASILEIRO*, DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

Heurisgleides Teixeira (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

"O segredo da verdade é o seguinte: não existem fatos, só existem histórias". Essa é a epígrafe de *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, um romance que ficcionaliza a história do Brasil desde o período colonial até, poder-se-ia dizer, os dias atuais. O autor narra importantes momentos, como a chegada dos jesuítas, a abolição da escravatura, a Guerra do Paraguai, mantendo desde o início uma crítica à historiografia tradicional e ao seu caráter cientificista, como já manifesta na epígrafe, e em seu modo de narrar não linear e de perspectivas jamais pensadas pelas histórias positivistas que, embora amplamente criticadas, ainda são praticadas e difundidas. A construção ficcional é irônica, pois o livro inicia com a conjunção adversativa "Contudo", indicando assim que a narrativa desse grande romance (de quase 600 páginas) seria a tese contrária à enunciada na epígrafe. Nesse caso, é a Ficção, e não a História, que detém o privilégio de contar a verdade dos fatos, verdade esta que, então, se apresenta como fictícia. Ante o óbvio caráter ficcional da obra, questiona-se: em que o discurso do romance se aproxima ou se distancia do discurso da História? Apoiando teoricamente essa discussão, baseamo-nos no primeiro capítulo de *A aguarrás do tempo* (1989), intitulado "Clio em questão", de Luiz Costa Lima, e no texto de W. Iser, "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional". Neles, discute-se a problemática relação entre narrativa ficcional e histórica, ambas com procedimentos de seleção, ordenação e, conseqüentemente, de recriação, discussão essa também posta em todo o romance desde a epígrafe de *Viva o povo brasileiro*.

A HISTÓRIA DA LITERATURA NA BERLINDA:

O CASO JORGE AMADO

Idmar Boaventura Moreira (PPGLDC - UEFS)

A historiografia literária tradicional, através de critérios muitas vezes questionáveis, tanto inclui quanto exclui autores e obras do cânon literário nacional; mais do que isso: sua autoridade lhe permite, através desse processo de seleção e exclusão, criar paradigmas para os estudos literários. A descrição que tal historiografia faz dos fenômenos literários, subordinando autores e obras a supostas características de uma escola ou fenômeno literário, acaba por vezes por rotular a obra e o autor, diminuindo-os e limitando a interpretação da obra por parte dos leitores. Portanto, torna-se indispensável que os critérios da historiografia literária sejam repensados; um novo olhar historiográfico pode ser um instrumento eficaz para a conservação de nosso patrimônio literário e para a formação do leitor de literatura. Este ensaio compara o tratamento que quatro dos mais tradicionais compêndios de historiografia literária brasileira (*A literatura no Brasil*, organizada por Afrânio Coutinho e Eduardo Faria Coutinho, *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi, a *História da literatura*, de Massaud Moisés, e *A literatura brasileira: origens e unidade*, de José Aderaldo Castelo) dão à obra do escritor baiano Jorge Amado, através da investigação de quatro variáveis: (1) os objetivos de cada compêndio investigado, conforme apresentação ou introdução, (2) periodização - a descrição do período em que o compêndio situa a obra de Jorge Amado, (3) descrição e apreciação crítica da obra amadiana e (4) coerência: a integração entre a periodização e a descrição crítica de cada compêndio e os objetivos propostos na apresentação do compêndio. O que se pretende é evidenciar as armadilhas do modelo tradicional de historiografia literária e apontar a necessidade de rever a historiografia literária nacional, a partir de critérios menos excludentes e preconceituosos que os atuais.

O IMAGINÁRIO DA CARTA DE CAMINHA E SUA APROPRIAÇÃO PELO TURISMO

Isabel Pacheco (Mestre em cultura e Turismo – UESC)
Maria de Lourdes Netto Simões (Orientadora – UESC)

O imaginário da *Carta* de Pero Vaz de Caminha ainda encontra ressonância nas divulgações turísticas na Costa do Descobrimento. A proposta deste trabalho é estabelecer a relação entre a *Carta* e o *marketing* turístico, representado pelas propagandas que circulam em *folders*, guias turísticos, revistas especializadas, fotografias e *CD-ROM* - todas coletadas em agências locais. O imaginário da

Carta diz respeito à mentalidade dos portugueses ao julgarem o que viam e ouviam no contato com a terra e os nativos, expondo suas visões romantizadas e eufóricas ou depreciativas e disfóricas. Utilizando-se das concepções da História Nova, dos estudos do Imaginário e das discussões sobre identidades híbridas, são analisadas as imagens sobre os costumes exóticos, a estética, o lúdico, o outro e a natureza paradisíaca, presentes na *Carta de Caminha*. Analisam-se, também, os símbolos e as representações do imaginário dos colonizadores, ainda percebidos no sul da Bahia, associados às atividades culturais, turísticas e à visão identitária regional. A pesquisa detecta que as representações e imagens do Brasil ressignificadas pelo *marketing* turístico (país paradisíaco, beleza das gentes, exotismo, erotismo, folguedos dos habitantes e nativos) têm caráter hegemônico. A utilização desse imaginário pelo turismo enfatiza as possibilidades dos visitantes vivenciarem as mesmas experiências em lugares paradisíacos, sentindo o mesmo ócio edênico decantado por Caminha no primeiro contato com essa região. Esse imaginário, utilizado nas propagandas turísticas, promove uma falsa visão exótica dos habitantes da região. As estratégias para um turismo coerente e sustentável passam por repensar essas imagens, pela valorização e preservação das culturas passadas e presentes, construídas no cotidiano autêntico das vivências, por ações que minimizem os impactos sobre os grupos e espaços locais.

***TENDA DOS MILAGRES, TENDA DAS MULHERES:
UMA ANÁLISE DA CRÍTICA LITERÁRIA SOBRE O
FEMININO EM JORGE AMADO***

Jacimara Vieira dos Santos (PPGLDC – UEFS)

Este trabalho tratará da relação entre identidade feminina e sexualidade, observando o papel decisivo da crítica literária na formação de rótulos acerca do autor baiano Jorge Amado, tendo como ponto de partida *Tenda dos mlagres*, romance publicado em 1969. A discussão central de *Tenda dos mlagres* é a mestiçagem. Seu personagem principal, Pedro Archanjo, afronta, por meio de seus estudos acerca do tema, a elite intelectual baiana e os defensores das idéias racistas. *Post-mortem*, a pesquisa de Archanjo ganha notoriedade nacional, devido à visita do intelectual norte-americano James D. Levenson ao Brasil – um conhecedor das obras de Archanjo. Paralelamente a esta trama, aparecem as mulheres e uma leitura do papel e do lugar do gênero feminino na sociedade brasileira, pautados pela sexualidade. Cabe-nos, então, discutir os desígnios da crítica literária no obscurecimento de uma visão ampla sobre a obra amadiana,

capaz de revelar pontos de tensão que possam ultrapassar o rótulo do falocentrismo e do machismo atribuídos a este escritor.

A REVISTA HERA E O MODERNISMO NAS LETRAS BAIANAS

Jecilma Alves Lima (PPGLDC – UEFS)

A Bahia também viveu a efervescência cultural despertada pelo movimento modernista que, nos anos 20, balançou o cenário artístico cultural brasileiro, ainda que de uma forma um tanto quanto atrasada e comedida, mas seguindo lentamente em direção à renovação dos códigos artísticos vigentes. É em meio a este quadro que surgem as revistas literárias reunindo, sob as mesmas idéias vanguardistas, jovens e inquietos poetas. Apesar da não apreciação aprofundada desta modalidade de publicação pela historiografia literária, as revistas são fontes essenciais de estudo da poesia contemporânea na recente história literária brasileira e cumprem um importantíssimo papel, principalmente a partir da década de 70, no trânsito da informação poética na Bahia e na divulgação e estímulo de novos valores. A revista *Hera*, publicada pela primeira vez em Feira de Santana, no ano de 1973, chega, em 2005, ao número 20, tornado-se talvez a mais duradoura revista de poesia, mobilizando pessoas que acreditam no papel da arte literária na sociedade e questionam a condição existencial do homem moderno através do fazer poético.

OS AFRICANOS NA SÁTIRA SEISCENTISTA ATRIBUÍDA A GREGÓRIO DE MATOS E GUERRA

*Jerry Santos Guimarães (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB) Marcello
Moreira (Orientador)*

Visa-se a discutir, por meio da análise de sátiras atribuídas a Gregório de Matos e Guerra, como a matéria "negros de África" torna-se discurso vituperante e como o que tradicionalmente se concebe como representação pode também ser entendido como efeito reflexo de representação, já que existente apenas como ficção poética. Discute-se, outrossim, como os efeitos reflexos de representação do discurso poético podem reapresentar ao público uma imagem do social que, por repropor a doxa, são apropriados como "verdade" a partir da qual se reflete sobre o estado decaído da sociedade e sobre a necessidade de nela intervir com vistas à promoção do Bem comum.

DA LETRA À FIGURA: A POLIFONIA EM O CADERNO ROSA DE LORI LAMBY

João B. Martins de Moraes

A presente análise consiste em identificar os mecanismos através dos quais a variedade estética dos desenhos de Millôr Fernandes reflete a polifonia presente na narrativa de *O caderno rosa de Lori Lamby*, de Hilda Hilst. Trata-se de verificar em que medida o diálogo entre as duas linguagens artísticas vai orientar a leitura e, juntas, conferir unidade narrativa. Esta abordagem retoma a discussão de Mikhail Bakhtin a respeito da diversidade lingüística presente na prosa romanesca. Na obra analisada, há uma radicalização do efeito polifônico, evocando diversos discursos sociais e artísticos na estruturação narrativa. Nessa obra de Hilda Hilst, constata-se que as particularidades estruturais, ao romperem com paradigmas, transgridem expectativas, fortalecendo o discurso crítico (recorrente na prosa da autora) em relação ao *statu quo*.

CULTURA POPULAR NORDESTINA: UM LUGAR NO CÂNONE OU O CÂNONE DO LUGAR?

João Evangelista do Nascimento Neto (PPGLDC - UEFS)
Cláudio Cledson Novaes (Orientador – UEFS)

Discutir acerca da cultura é levar em consideração seu caráter e manifestações ideológicas. A sinonímia existente entre cultura e civilização é um legado do etnocentrismo, que difundiu tal concepção como contraponto a barbarismo, ignorância. Ter cultura passou, então, a significar ter acesso à educação sistematizada. O *Auto da compadecida*, obra escrita em 1955 por Ariano Suassuna e encenada pela primeira vez no ano de 1957 apreende a essência da cultura nordestina e transforma-a num resumo da cultura brasileira. O texto desse autor paraibano retrata as tradições nordestinas, numa linguagem de literatura de cordel, um gênero derivado do romanceiro europeu, as chamadas narrativas orais, perpetuadas pela palavra cantada ou falada. O *Auto da compadecida* justifica a cultura nordestina como o resultado da intersecção entre as mais diferentes expressões artísticas, desde as mais simples às rebuscadas, e é o ponto de encontro entre o popular e o erudito.

A CRÔNICA DE MACHADO DE ASSIS: LUCIDEZ E IRONIA NO TRATO DA REALIDADE SOBRE A GUERRA DE CANUDOS

Joaquim Antonio de Novais Filho (Graduado em História - UESB)

A presente comunicação analisa a posição de Machado de Assis, expressa em suas crônicas, acerca dos acontecimentos que desencadearam a Guerra de Canudos. Entre os contemporâneos da Guerra, o escritor foi um dos poucos que manifestaram posição contrária à destruição da cidadela sertaneja através de crônicas publicadas no diário carioca, *Gazeta de Notícias*. Mesmo antes de iniciar o conflito que daria fim ao movimento liderado por Antônio Conselheiro e colocaria Canudos no centro das atenções da imprensa brasileira no final do século XIX, Machado de Assis já chamava a atenção para a necessidade de um exame mais lúcido dos fatos que envolviam Conselheiro e seus seguidores. No entanto, a interpretação que predominou fortemente na literatura e no registro histórico foi a que procurou, desde o início, legitimar o uso da força contra a população de Canudos, dando projeção aos boatos que engrossavam o coro dos que exigiam uma posição mais forte por parte das forças oficiais. Sendo assim, a literatura sobre a Guerra de Canudos, que teve durante bom tempo (pelo menos até a década de 1950) a expressão da verdade em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, demonstra a busca pela legitimação do massacre dos sertanejos seguidores do Conselheiro. Entretanto, opiniões divergentes dessa "oficial", como a de Machado de Assis e de outras pessoas e pensadores do período, apesar de não serem isoladas ou pouco freqüentes à época, não tiveram a devida repercussão histórica, permanecendo pouco conhecidas se comparadas à "oficial" da qual apresentavam divergências.

LEITURAS FORA DE SI: HERANÇAS ROMERIANAS NO ENSINO DE LITERATURA HOJE

José Henrique de Freitas Santos (UFBA)
Livia Natália Santos (UFBA)

O ensino de literatura atual costuma considerar a paisagem histórica na qual se inscreve a obra mais importante do que o próprio texto literário. E, desta forma, em lugar de interpretar a obra em diálogo com o mundo circundante, analisa-se o seu contexto histórico e biográfico como maneira de estabelecer características gerais que ordenam um movimento literário e as obras que ali se inserem. Quando se comporta desta maneira, a escola obedece, de maneira extremamente lacunar e incipiente, imitando sem saber que imita e, portanto,

imitando mal, um pensamento sobre a literatura que tem o seu início na segunda metade do século XIX, mais especificamente de 1888, com o lançamento da *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero. O autor acreditava que a literatura é um produto da vida social sendo, assim, um documento que a revela. Desta forma, para Romero o texto interessa enquanto decorrência da habilidade de seu autor, uma vez que, através dele, se constrói um pequeno retrato da sociedade. É indispensável afirmar que contingências históricas e ideológicas completamente distintas apartam o método crítico do estudo de literatura de Sílvio Romero do da escola de hoje. Interessa-nos, nesta comunicação, discutir o que aparta o pensamento de Sílvio Romero do procedimento disciplinar contemporâneo e refletir sobre caminhos possíveis para repensar o ensino de literatura hoje.

TÓPICOS DE IDENTIDADE NACIONAL EM *O SERTANEJO E BOI ARUÁ*

Juscimeire Oliveira Alves Pamponet (PPGLDC – UEFS)

Stuart Hall e Nestor Canclini trazem uma renovada reflexão sobre o debate em torno da identidade, entendendo-a não mais como sistema fechado, estático e fixo, mas sim como uma construção que se narra, que se constrói historicamente em meio a movimentos contínuos de interações interculturais e híbridas. Nessa concepção, evidenciam a ruptura da noção identitária do sujeito centrado e enfatizam o processo de descentralização do mesmo, reconhecendo sua pluralidade identitária, em outras palavras, o sujeito passa a ser visto como resultado do atravessamento de múltiplas dinâmicas sociais e culturais. Tais considerações possibilitam romper o reducionismo das teorias dominantes sobre identidades monoculturais, através do entrelaçamento de espaços culturais, fazendo surgir identidades negociadas e em permanente construção. É nessa perspectiva crítica que analisaremos alguns aspectos do livro *O sertanejo* (1875), de José de Alencar, e do filme *Boi Aruá* (1983), de Chico Liberato, concebendo-os como textos representativos da busca da identidade nacional. Essas obras, consideradas a partir do lugar da enunciação, das circunstâncias de produção, da distância temporal e das diferenças entre os dois meios (literatura e cinema), constituem-se como discursos que tematizam e valorizam o regional, apropriando-se de elementos da cultura popular, do homem nativo e da natureza brasileira.

EUCLIDES DA CUNHA E O IDEAL REPUBLICANO: UMA RELAÇÃO PARADOXAL

Léa Costa Santana Dias (UNEB)

Esta comunicação aborda a relação do escritor Euclides da Cunha com o ideal republicano, destacando sua condição de intelectual do século XIX, crente nas teorias de sua época, confiante no progresso e na modernidade como realidades que resultariam da implantação do regime republicano no Brasil. Ao mesmo tempo, traz à baila decepções do autor com os rumos tomados pela República recém-implantada. Para tal, serão analisadas correspondências pessoais e trechos de *Os sertões* e dos dois artigos "A nossa Vendéia", publicados no jornal *O Estado de S. Paulo*, nos dias 14 de março e 17 de julho de 1897, nos quais são feitas comparações entre a Guerra de Canudos e o levante religioso monarquista ocorrido na França, na região da Vendéia, no final do século XVIII.

VARIAÇÕES SOBRE *BARTLEBY* NA FILOSOFIA DA DIFERENÇA

*Leonardo Maia (Professor de Filosofia - UESB/
Doutorando em Filosofia - PUC-Rio)*

A literatura contemporânea talvez seja como a prolongada expressão de uma única investida. Em Descartes, temos a frase que serviria de linha-mestra para o programa do pensamento metafísico moderno: *nós adoramos naturalmente as coisas do alto*. A história do pensamento, mesmo a que lhe precede, foi em especial um desenvolvimento desse princípio. A literatura contemporânea, ao contrário, parece um lento processo de demolição dessa orientação. Em Joyce, ou Henry Miller, os heróis são baixos: mijam, peidam, trepam... Pelo desejado contraste com uma tradição recebida, mais que inabitual, isso se apresenta, então, como reivindicadamente *baixo*. Em Manoel de Barros, há mesmo um desejo diametralmente oposto ao cartesiano de constituir uma obra que se apresenta como uma gramática do chão, e do mais profundo no chão, algo que se torna adorável, justamente, por ser, sendo tão baixo. Mas há ainda um tipo de personagem que escapa a tal flutuação topológica, ou geofilosófica. Uma gente cujo modo de existência não se pode retraçar minimamente à horizontalidade padrão de nossas vidas e que não permite sequer a construção de uma história, de um romance, mas se esgota no âmbito e no ambiente curto da novela. Há nelas a fugacidade abrupta de uma situação-limite e, por isso, uma fragilidade, e uma impossibilidade mesma de compreendê-las, tão radicalmente exteriores permanecem. Como vidas sem linha, vidas de fato não vividas, para além da fenomenologia e da representação, ou de qualquer solicitação continuada e fixável. Vidas que, no tempo do acontecimento, são, justamente, o não

acontecimento absoluto. E, contudo, são elas as que mais nos chocam. Para além de Gregor Samsa, ou das bizarrices de Alice, a principal de todas essas parece ser o *Bartleby* de Melville. Por razões diversas, e extremas, ele é recorrentemente analisado pelos filósofos da diferença, e notadamente três, aqui recuperados: Deleuze, Derrida e Negri.

A QUESTÃO DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

Liana Ferraz B. Pereira (Graduada em Letras - UESB)

Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

Nossa comunicação se baseia na leitura do texto "A questão dos gêneros" (1981), de Luiz Costa Lima, no qual o autor situa historicamente as diversas conceituações dos gêneros literários. Iniciando com a distinção platônica entre *diegesis* e *mimesis*, o texto de Costa Lima detém-se na complexificação da *mimesis* em Aristóteles, e segue abordando Horácio, Dante e os humanistas do Renascimento. Com a falência dos preceitos e regras nos autores do Romantismo, a conceituação de F. Brunetière contrapõe-se à de Benedetto Croce. No século XX, a questão dos gêneros literários é abordada a partir das propostas dos *new critics*, dos formalistas russos, de Mikhail Bakhtin e Northrop Frye. Costa Lima finaliza seu texto com uma reflexão a respeito da importância dos pensadores da Estética da Recepção (Hans Robert Jauss, Wolf-Dieter Stempel, Hans Ulrich Gumbrecht, Karleinz Stierle). Concentrando-nos na leitura desse texto, nossa comunicação tem como objetivo apresentar as principais linhas de pensamento a respeito dos gêneros literários, historicizando sua abordagem e contribuindo assim para o conhecimento teórico que fundamenta a análise de textos literários.

O ELEMENTO LÍRICO EM OS DEUSES LARES DE MYRIAM FRAGA

Lílian Almeida de Oliveira Lima (PPGLDC – UEFS)

O elemento mítico é algo que aparece com certa frequência na obra da poeta Myriam Fraga. Em seu livro *Os deuses lares*, as figuras de Penélope e Ulisses da mitologia grega são retomadas para tecer uma outra viagem, diferente daquela realizada por Ulisses. O que ora se pretende é analisar o poema através de suporte teórico sobre a lírica moderna, bem como perscrutar a nova viagem, realizada desta vez por Penélope em direção a si mesma. Espera-se pontuar

recursos que conduzem ao elevado lirismo presente no poema, realizando, em paralelo, um passeio pelas inquietações que afligem aquela que é emblema da fidelidade ao esposo.

INÉS DE CASTRO Y LEONOR DE GUZMÁN: RAMIFICACIONES DEL ROMANCE IBÉRICO EN EL ROMANCERO DE AMÉRICA

Lilian Santana da Silva (PPGLDC - UEFES)

El Romancero Tradicional transmitido de forma oral a lo largo de siete siglos y que hoy día se encuentra disperso por todos los puntos de la geografía mundial donde las lenguas de la península Ibérica han tenido alguna vitalidad produjo un conjunto de textos fascinantes, que a través de versos reflejó los valores de un pueblo. El género romancístico acompañó a los navegantes, misioneros, exploradores y todo tipo de emigrantes al Nuevo Mundo como parte de su acervo cultural tradicional. Con el paso del tiempo esta tradición enraizó y se volvió patrimonio de las nuevas colectividades desarrolladas a lo largo de América y más adelante se revitalizó en múltiples formas. La historia de Inés de Castro, inmortalizada por Camoens, es uno de los más difundidos romances del siglo XVI y ha pasado en el Romancero Español por las más curiosas transformaciones. Leonor de Guzmán puede ser una versión de Inés de Castro o el romance que lo originó. Este estudio es un recorrido por las versiones del romance de Inés de Castro en América, principalmente en Cuba. Las innovaciones y significados del romance que habla de honor y celos en América está profundamente enraizado en la cultura popular hispanoamericana.

"A CARTOMANTE", DE MACHADO DE ASSIS: EXEMPLAR DO GÊNERO POLICIAL

Liliane Lemos Santana (IC-UEFS)

Mayrant José Gallo (UEFS)

O caráter policial do conto "A cartomante", de Machado de Assis, é ressaltado no entrecruzamento da história visível (a relação dos amantes) com a história secreta (a morte dos mesmos). A teoria das duas histórias (uma que se constrói em primeiro plano, e a outra, em segredo) foi desenvolvida pelo crítico Ricardo Piglia e serve para fundamentar quaisquer considerações teóricas tanto do conto clássico quanto do moderno. Pretendemos verificar a possibilidade de

estender essa leitura de Piglia ao conto policial, debitário do suspense e do ciframento.

A POLIFONIA COMO ESTRATÉGIA MIGRATÓRIA NA OBRA DE JUDITH GROSSMANN

Livia Maria Natália De Sousa (Doutoranda em Letras e Linguística - UFBA/FJA)

A dissertação intitulada *A pedagogia da ausência e outras ensinanças: Judith Grossmann e a cena da escrita* buscou, através da leitura analítica de depoimentos, entrevistas, textos de crítica, teoria da literatura, romances e contos de Judith Grossmann, observar como se dão os trânsitos de cenas e idéias entre estes textos e a sua ligação com a prática acadêmica da autora. No trabalho intitulado *Vozes Veladas: A polifonia como estratégia migratória na obra de Judith Grossmann*, que é um recorte da dissertação acima citada, buscaremos mostrar como este trânsito se dá e comprová-lo como ilustração daquilo que chamamos de "Pedagogia da ausência", que é a discussão de temas e questões pertencentes à Teoria da Literatura nos textos literários. Desta maneira, acreditamos que Judith Grossmann faz do seu texto de lavra criativa cena de discussão e debate de teorias da literatura que, comumente, encontram o seu local de reflexão nas salas de aula e mesas de congressos. Assim, a literatura se converte em sala de aula, fazendo com que a professora Judith Grossmann não deixe jamais de formar novos alunos e discípulos sem que o texto perca o apuro estético indispensável à obra de arte.

O FUTEBOL DE PERNAMBUQUINHO NAS PÁGINAS DE JOÃO ANTÔNIO

Luciana Cristina Corrêa (PG/UNESP/FAPESP)

A presente comunicação tem por objetivo mostrar uma inovação referente à construção das personagens de João Antônio Ferreira Filho (1937-1996). O autor, em alguns textos, transpõe uma galeria real de tipos criativos da sociedade brasileira para o plano ficcional, aproximando-os de suas personagens fictícias, já que, como estas, também se encontram marginalizados na maioria dos trabalhos. Um exemplo pertinente desta tendência é a ficcionalização de Almir Moraes Albuquerque, o Pernambuquinho, famoso jogador de futebol nos anos 60 e 70 no Brasil. Conhecido como um jogador duro, violento, irreverente e "machudo", Almir ganha, nas páginas de "Uma banana para os valentes", em *Casa de loucos*

(1976) a densidade de uma personagem considerada como marginal dentro e fora dos estádios, tido por muitos como um inadaptado às engrenagens do sistema, no caso as regras do jogo futebolístico. Ao resgatá-lo do passado e transformá-lo numa de suas personagens, João Antônio o aproxima da condição de muitas de suas criaturas, igualmente marginalizadas em textos ficcionais. Diante desta premissa, propomos revelar a complexidade e, ao mesmo tempo, a diversidade no plano de construção dos seres que povoam as páginas da literatura desse escritor.

CAIO FERNANDO ABREU E ROBERT MAPPLETHORPE: A IDENTIDADE MASCULINA NA ARTE DO FINAL DO SÉCULO XX

Luciana Marinho Fernandes da Silva (UFPE)

Este estudo consiste numa análise comparativa das representações da identidade masculina na produção contística do escritor gaúcho Caio Fernando Abreu (1948-1996) e na produção fotográfica do artista nova-iorquino Robert Mapplethorpe (1946-1989). Ambos são apontados pela crítica como artistas ícones que pulverizaram em suas artes o universo de marginalizados associado ao universo *gay*, o que possibilitou suas obras serem analisadas sob o enfoque da relação entre arte e homossexualidade. O eixo central do nosso estudo é a identificação dos elementos textuais que concorrem para a construção da identidade masculina como ambígua, fragmentada e em processo e do aparato simbólico que é mobilizado para isso. Situamos as convergências e divergências dessas representações, enfocando os seus aspectos sociais e estéticos. Fundamentamos nossa pesquisa na concepção de identidade social como uma elaboração discursiva, não homogênea nem integral, como aponta Fairclough. Nesse sentido, a noção de gênero também se apresenta, segundo Jurandir Freire, como uma elaboração instável e historicamente marcada, um construto cultural. Este estudo se inscreve no campo de investigação da Intersemiose. Seguindo uma perspectiva interdisciplinar, recorreremos às contribuições da Análise Crítica do Discurso, uma vez que esta busca relações entre práticas discursivas e práticas sociais.

***VANITAS ET CONTEMPTUS MUNDI:* A PERENIDADE DO TÚMULO**

Luciana Nascimento Pereira (IC - UESB)

Marcello Moreira (Orientador - UESB)

Objetiva-se analisar poemas produzidos em Portugal e Espanha, nos séculos XVI e XVII, com o fim de verificar como a tópica *contemptus mundi* é atualizada pelos poetas ibéricos e como pode ser produzida pelo emprego de metáforas diversas que remetem, em última instância, à idéia *vita transiens*. Diante da efemeridade de todas as coisas apregoada pela poesia que atualiza as tópicas *contemptus mundi* e *vita transiens*, o movimento em direção a um mundo de realidades eternas e incorruptíveis contrapõe-se à evanescência da realidade fenomênica, ambas, no entanto, equiparadas, em sua perenidade discursiva, pela ação do verbo poético.

A GABRIELA DE JORGE AMADO E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO EM ILHÉUS

Luciana Oliveira do Nascimento SILVA (UESC)

Através das descrições da protagonista do romance *Gabriela, cravo e canela*, o narrador destaca seus encantos e dotes físicos de maneira altamente sensual e exótica, tornando-a um mito na "arte" de representar a mulher brasileira, ou seja, a mulata. Com isso, Gabriela saiu do universo de um mundo ficcional para o universo de um mundo real, o que torna Ilhéus uma cidade muito visitada por turistas brasileiros e estrangeiros. É claro que no caso da mulata, o ficcional mescla-se com o real, uma vez que os turistas vêm em cada mulher da cidade de Ilhéus a Gabriela que conheceram em Jorge Amado e que é divulgada para venda do produto Ilhéus enquanto turismo. Frases como "Verão cravo e canela", "A terra de Jorge Amado é a terra de Gabriela" são freqüentes nos folhetos de propaganda, graças ao trabalho minucioso do narrador do romance. Este trabalho pretende analisar o comportamento sexual da personagem Gabriela sob um enfoque sócio-cultural e sua relação direta com o turismo em Ilhéus.

O PROCESSO DE CRIAÇÃO EM A PLANTA AMARGA: UMA ANÁLISE LINGÜÍSTICO-ESTILÍSTICA

Ludmila Antunes de Jesus (IC/PIBIC - UFBA)

Célia Marques Telles (Orientadora - UFBA)

A exigência na sua produção textual tanto formal quanto estilística é uma das características do poeta baiano Arthur de Salles. Vê-se, em seu processo de criação literária, o elaborar-se da obra, caracterizado pelo refazimento das

estruturas lingüísticas. Pretende-se, nesta comunicação, expor sobre os sucessivos movimentos de correção, as escolhas de lexias, analisando os aspectos de supressão, deslocamento, substituição e acréscimo presentes no manuscrito autógrafo de *A planta amarga*, datado entre 1903 a 1925.

O ESPAÇO SOCIAL NO ROMANCE *MARIA FECHA A PORTA PRAU BOI NÃO TE PEGAR*, DE OSÓRIO ALVES DE CASTRO

Luiz Antonio de Carvalho Valverde (UNEB)

O romance *Maria fecha a porta prau boi não te pegar* (1978), do escritor baiano Osório Alves de Castro (1901-1978), tem como espaço de representação o sertão do Médio São Francisco na última década do século XIX e início do século XX. Trata-se de uma escritura carregada de símbolos, metáforas que vão contar uma história marcada por forte tensão lírica, num diálogo constante com a história nacional, olhada criticamente. Pretende-se fazer um enfoque dessa obra à luz dos pressupostos teóricos discutidos por Wolfgang Iser no ensaio "Os Atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional". São eles: o processo de *seleção*, como transgressão de limites dos sistemas contextuais e textuais a que a obra se refere; o processo de *combinação*, em que o significado lexical é apagado ou transgredido, para que outros sentidos se iluminem, estabelecendo-se uma relação entre *forma* e *fundo*; e por fim a operação de *desnudamento*, como processo de desmistificação do mundo organizado no texto, em que a aparência de realidade é rasurada, estampando-se o processo de fingimento, o *como se*.

O EPITÁFIO SATÍRICO E SEU AUDITÓRIO

Luízia Silva Pinto (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)

Marcello Moreira (Orientador – UESB)

Objetiva-se discutir a noção de auditório, a partir da leitura da obra de Chaïm Perelmann, com vistas a melhor entender o que se compreendia como o auditório do epitáfio satírico no Seiscentos. Visa-se a discutir como a compreensão do epitáfio satírico pelo público primeiro a que se destinava implicava o conhecimento dos preceitos que o regravam, caso o efeito moralizador a ser produzido pela sátira fosse de fato um objetivo almejado pelo poeta. Discute-se enfim o riso produzido pela sátira como um efeito que pode não ocorrer concomitantemente com o fim moralizador a que se almeja com sua produção. Apresenta-se a análise de um epitáfio de Francisco de Quevedo,

detendo-se nos procedimentos da elocução, que produzem, pela engenhosidade no emprego de tropos e figuras, o sentido dúbio do texto que brinca com os preceitos do subgênero laudatório utilizados na produção do louvor fúnebre.

CARAMURUS: A SÁTIRA À NOBREZA DA TERRA NO CORPUS GREGORIANO

Manoela Freire Corrêa (Pós-graduação em teoria e História Literária - UESB)
Marcello Moreira (Orientador- UESB)

Objetiva-se analisar as sátiras atribuídas ao poeta seiscentista Gregório de Matos e Guerra que tomam como matéria a "nobreza da terra" famílias de colonos portugueses que, muita vez, sem nenhuma ascendência aristocrática, nutriam o desejo de afdalgamento e, em muitos casos, portavam-se de forma inapropriada à sua condição. Discutir-se-á, primeiramente, como preceitos que regem a sátira no século XVII são atualizados nos poemas selecionados e que efeitos de sentido podem ser produzidos a partir de uma leitura que busca relacionar preceituação e produto.

LOUVOR E METÁFORA MITOLÓGICA NA ODE AO CONDE DO REDONDO

Marcello Moreira (Professor doutor de Literatura Brasileira – UESB)

Luís de Camões escreveu alguns poemas laudatórios entre os quais sobressai a "Ode ao Conde do Redondo". No trabalho-lhe que ora se propõe, visa-se à discussão do uso da metáfora mitológica como recurso recorrente na elocução com o objetivo de produzir um *ethos* aristocrático representado pelos produtos da virtude operativa do Conde. Objetiva-se demonstrar também as relações entre poesia e política que são entretecidas pelo poeta, assim como a importância concedida ao *prodesse*

LITERATURA E INFORMÁTICA: A FICÇÃO NO MEIO DIGITAL

Marcelo da Silva Araújo Santos (UESC)

Uma nova textualidade surge com o advento da informática. O hipertexto revoluciona a escrita, redimensiona as formas do saber e da cultura

concomitantemente ao anseio epistemológico contemporâneo de ruptura com noções como centro, hierarquia e linearidade, substituindo-as pela multilinearidade, nexos e redes. As teorias culturais e literárias pós-estruturalistas (Análise do Discurso, Estética da Recepção, Desconstrucionismo, Semiótica) e a informática parecem compartilhar certas concepções filosóficas, tendo o hipertexto como núcleo deste encontro. Foulcault, Barthes, Derrida, Eco e outros pensadores têm hoje seus ideais de texto materializados na escrita informatizada. O desejo destes autores de uma textualidade fluída, volátil, não-linear e até sonora e visual, de alguma maneira parece estar sintetizado no hipertexto. Escritores de ficção que buscavam uma forma de expressão transgressora, subvertendo a “linearidade” do livro impresso, têm agora uma nova ferramenta de escritura. Vera Mayra, autora da hiperficção *Baile de mascaras*, e Pajola Passenger, autor de *Tristessa*, são alguns dos primeiros interessados na potencialidade não-linear do texto eletrônico. A hiperficção, denominação mais corriqueira dada a este tipo de narrativa, instaura novos horizontes para a estética literária contemporânea, promovendo um proeminente modo de produção, criação, circulação e leitura de ficção. Questões como o lugar do autor (ou programador?), do leitor (ou navegador?), o fechamento (ou abertura?) na ficção hipertextual são temas recorrentes nas chamadas poéticas literárias da contemporaneidade. Pesquisadores como George Landow, o Prof. Alckmar Luiz dos Santos do NUPILL (Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Lingüística da UFSC) e Janet Muray oferecem consistentes contribuições acerca da textualidade informatizada e sua relação com a literatura, nos permitindo fazer reflexões (mais do que definições) sobre a ficção no meio digital.

O MULTICULTURALISMO NO VIÉS DO FEMININO EM *TOCAIA GRANDE*

Marcelo Silva de Aragão (IC – UESC)

Sandra Maria Pereira do Sacramento (Orientadora – UESC)

No presente trabalho, propomos fazer um estudo das personagens femininas na obra *Tocaia Grande: a face obscura*, do escritor Jorge Amado, tendo por base a enunciação enquanto sujeito propagador de um multiculturalismo. Para tanto, consideramos que o lugarejo de Tocaia Grande, em formação, recebeu pessoas de diversas origens e as personagens femininas, aí presentes, representam influências culturais variadas. Observaremos a mulher nesta obra à luz dos conceitos de identidade dos Estudos Culturais (Hall, Bhabha, Castells), em que a mulher sulbaiana se mostra detentora de um conteúdo de cultura deslocada, evidenciando uma identidade fragmentada e não unificada.

Identificamos ainda as diversas influências presentes nas personagens que irão suscitar um sujeito híbrido, já que nos deparamos com as fronteiras culturais em construção.

CARTAS DE LEITORES DE JORGE AMADO: REESCREVENDO A HISTÓRIA DA LITERATURA

Márcia Rios da Silva (Professora Doutora de Teoria da Literatura - UNEB)

Esta comunicação tem por intento analisar, na perspectiva dos estudos de recepção, os processos de construção da recepção do escritor Jorge Amado, a partir da correspondência enviada por seus fãs e leitores, arquivada na Fundação Cultural Casa de Jorge Amado. Fazendo parte de seu acervo pessoal, tais cartas, datadas entre as décadas de 70 e 80, veiculam demandas, expectativas e interesses diversificados, revelando os meios e mediações diversas que o escritor criou para uma aproximação com o público. Para ampliar a compreensão dessa história de recepção, dois momentos são aqui delineados, quando Amado se engajou em projetos diversos, marcando posicionamentos que se refletiram na formação de seu público: o primeiro, pela ligação com o Partido Comunista, define-se a partir da atuação do escritor na militância política; o segundo, a partir dos anos 70, deve-se a uma aproximação vigorosa com a mídia televisiva, quando se acentua o caráter difuso da recepção do autor de *Gabriela, cravo e canela*.

BATMAN EM DIÁLOGOS IMEDIATOS: ABDUÇÕES LITERÁRIAS

Marcos Antonio Maia Vilela (IC – UNEB)
Sílvia Roberto dos Santos Oliveira (Orientador – UNEB)

A série "Batman abduzido" tematiza, na narrativa em quadrinhos, a possibilidade de um humano manter contatos com seres extraterrestres. No primeiro capítulo da série, Batman é raptado por aliens, que introduzem em seu cérebro um micro-implante, tornando-o, assim, parte de uma estranha experiência. Desse modo, o corpo hospedeiro, ainda ligado à realidade terrestre, transita paralelamente ao que lhe é exterior, estranho, temido, não autorizado. A narrativa aponta para o risco que a personagem enfrenta quando se vê cercada de novas informações que colocarão em dúvida a sua vivência, principalmente quando o herói descobre a existência de um alucinógeno. Com base nessa problemática, o presente texto discutirá a existência de possíveis ligações teóricas entre quadrinhos e literatura, que possam delinear uma conexão (ampliação de

diálogos) com os temas da ficção científica, no intuito de esboçar uma metáfora indicativa da construção de uma teia orgânica e constantemente atualizada de informações. Para tal, diversas possibilidades podem surgir, no intuito de promover a manutenção e contigüidade desses diálogos numa transfusão em alta velocidade semelhante à do fluxo sanguíneo humano, sempre posta em dúvida no que tange ao seu teor programático.

“ESTOU NA BERLINDA E CAÍ NO POÇO”: DESSERVIÇOS DA CRÍTICA E DA HISTÓRIA LITERÁRIA A ESCRITORES BAIANOS

Marcos Aurélio Souza (Professor de Teoria da Literatura - UESB)

O objetivo desta comunicação é investigar a perspectiva de um discurso ambíguo sobre as obras de Sosígenes Costa e Jorge Amado, presentes no trabalho consagrado da crítica e da história literária no Brasil. A ambigüidade se estabelece quando o reconhecimento dessas obras se efetiva a partir de caracterizações depreciativas e reducionistas, presentes em termos recorrentes, atribuídos aos referidos escritores: epígono, exótico/sensual, regionalista, superficial etc. Estudam-se, centralmente, os trabalhos consagrados de José Paulo Paes (*Pavão parlenda paraíso* de 1978) e de Alfredo Bosi (*História concisa da literatura brasileira* de 2000), que demarcam o caráter vicioso e repetitivo de um pensamento da crítica e da história literária, acostumado a entender a produção artístico-literária brasileira como um movimento irremediável, ditado por "corifeus" e seguido, imperfeitamente, pelos epígonos de "outras regiões". Essa análise perpetua preconceitos, ao incorrer numa leitura ideologicamente enviesada.

O XQUE RASURA LA AMISTAD: DOIS FILMES E DOIS PASSADOS (IM)PERFEITOS

Marcos C. B. de Souza (Professor Substituto de Teoria da Literatura – UEFS)

Para perambular por alguns exemplos de vigência etnocêntrica e resistência na atual pedagogia visual, aproximo duas superproduções cinematográficas norte-americanas: *Amistad*, de Steven Spielberg, e *Malcolm X*, de Spike Lee. Pondo em relação esses dois filmes do gênero épico-histórico, procuro caracterizar certas estratégias enunciativas na trama entre narrativa fílmica, narração da nação, história nacional e identidades culturais. Isto porque, além da constatação de que as mediações estão no cerne da produção das identidades e das histórias

nacionais – e a cultura massiva ser um lócus de negociação produtiva de diferenças –, constata-se também que o legado discursivo neo-imperialista dissemina-se não só pelas instituições e aparelhos estatais – as universidades, as escolas, a propaganda oficial etc. –, mas também viajam molecularmente com o entretenimento, na Sessão da Tarde, no Intercine, nos multiplex, nos seriados, na cultura erudita, na ópera, nas salas de “arte” etc. Com suas especificidades e sua força de convencimento, as imagens fílmicas podem ser tanto o lugar do residual poder ideológico, quanto um meio de resistência e agenciamento de histórias a contrapelo.

A TIPOLOGIA HISTÓRICA DO ROMANCE SEGUNDO M. BAKHTIN: O ROMANCE DE VIAGEM, O DE PROVAS, O BIOGRÁFICO E O DE EDUCAÇÃO

Maria A. G. Moreira (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

Nossa comunicação baseia-se na tipologia do romance proposta por M. Bakhtin em seu estudo "O romance de educação e seu significado na história do realismo", dos anos de 1936-1938, publicado no Brasil no livro *Estética da criação verbal*. Nele, Bakhtin, distingue historicamente os tipos de romance que ele conceitua como: *romance de viagem*, *romance de provas*, *romance biográfico ou autobiográfico* e *romance de formação*. Apesar de considerar a interdependência de todos os elementos na construção do romance, o autor baseia-se, sobretudo, no princípio estrutural do herói para diferenciá-los. Após a apresentação das definições bakhtinianas, concentrar-os-emos na sua reflexão a respeito do *romance de formação* (*Bildungsroman*), que tem como foco a relação espaço-temporal e a imagem do homem no romance, dada a sua importância para a compreensão e leitura dos romances dos séculos XIX e XX.

O ENSINO DE LITERATURA COMO PRÁTICA SOCIAL

*Maria A. P. Gusmão (Professora de Metodologia e
Prática de Ensino do Português – UESB)*

O ensino de literatura tem merecido amplos debates nos circuitos de formação de professores. Diversas abordagens didáticas têm sido pesquisadas para possibilitar a entrada da leitura literária na escola, sem reduzi-la a uma didatização do currículo escolar. Esse estudo parte da compreensão de que o

leitor vai se formando no decorrer de sua vida escolar, em suas experiências de interação com o universo cultural e social em que vive. A leitura é um ato cultural que, em seu sentido amplo, não se esgota na educação formal. Com esses princípios, elaborou-se um projeto de ensino de literatura para o ensino fundamental que coloca na ordem do dia o trabalho com o texto literário e suas representações sociais. A literatura é emocionante, provocadora de reflexões, pois expõe para o aluno o "desligamento" do mundo real. Paradoxalmente, a literatura não é a expressão da realidade, se o fosse, não seria literatura. No entanto, ela não está desvinculada da realidade, uma vez que observamos em obras literárias "situações" que nos remetem a fatos de nossa própria vida e da sociedade. Este trabalho descreve a aplicação do projeto didático, enfocando o ensino de literatura como formador de leitores reflexivos da própria condição humana e da realidade que materializa os temas literários.

O POSITIVISMO NA CRÍTICA LITERÁRIA NO BRASIL

Maria Bethânia Gomes Paes (IC, FAPESB, UESB)
Patrícia K. da C. Pina (Orientadora – UESB)

Esta Comunicação busca focar as relações entre o Positivismo, bem como o Evolucionismo e o Determinismo, e a produção da crítica literária brasileira no século XIX. Trata-se de uma investigação sobre a fundamentação dos critérios e métodos utilizados pelos críticos como instrumentos de classificação e julgamento de obras literárias. A base deste estudo é a crítica produzida pelos intelectuais formados pela "Escola do Recife", na década de 1870.

EM BUSCA DE UMA EDIÇÃO DA PROSA DE JOÃO GUMES

Maria da Conceição Reis Teixeira (UNEB)

O caetiteense João Antônio dos Santos Gumes (1858 - 1930), um apaixonado pela região sudoeste do estado da Bahia, defendia veementemente a bandeira dos oprimidos homens do campo, esquecidos e explorados pelos "engravatados da cidade grande", dos escravos maltratados, e combatia o analfabetismo reinante naquele período no nordeste brasileiro. Assuntos estes abordados tanto na sua produção literária como na jornalística. Escreveu romances, comédias, dramas e crônicas. Publicou os romances: *O sampauzeiro*, *Os analphabetos*, *Pelo sertão* e *Vida campestre*. Deixou inéditas as seguintes obras:

Seraphina, Abolição, Mourama e Sorte Grande. A sua obra, rica em quantidade de informações e diversa em qualidade, estava prestes a desaparecer por completo. Era necessário reuni-la e editá-la, buscando integrá-la na história e na fenomenologia literária, cumprindo com um dos deveres que a filologia tem com o patrimônio espiritual produzido por uma comunidade: "crítica textual, interpretação de textos e a integração superior dos textos tanto na história literária como na fenomenologia literária" (LAUSBERG, 1981, p. 22). Apresentar-se-ão algumas possibilidades de edições que podem ser preparadas com a obra do escritor. Uma seria submeter os textos ao tratamento da Crítica Textual Moderna, preparando edições críticas para os textos impressos que dispõe de mais de um testemunho ou preparar edição fac-similar para os textos com testemunho único. Outra seria a preparação de edições crítico-genéticas para os textos que apresentam testemunhos manuscritos. Este tipo permite estudar a prosa de Gumes, visando a depreender como o autor constrói o seu texto, quais os instrumentos que utiliza e quais são os seus hábitos.

LITERATURA, PATRIMÔNIO CULTURAL E PRODUTO TURÍSTICO

*Maria de L. Netto Simões (Professora Doutora de
Literatura Portuguesa - UESC)*

Tradições locais e regionais como mediadores estéticos e culturais para o turismo local. A Literatura como marketing e guia para o turismo. Política cultural e mercado. Penso na interdisciplinaridade entre a Literatura e o Turismo, visando a favorecer as identidades locais, o desenvolvimento e a sustentabilidade da cultura, através da Literatura. Ou seja, vou tomar a cultura como recurso (YUDICE, 204) para tratar da alternativa de desenvolvimento das culturas locais através de um turismo suscitado pela literatura, pensando a valorização do regional, embora considerando o contexto globalizado e suas implicações. Admitindo tal interdisciplinaridade, acrescento, portanto, pensar a Literatura como suscitadora de viagem (SIMÕES, 2002), na idéia de que tal funcionalidade provoca a atenção ao consumo e à cidadania (CANCLINI, 2001), onde o consumidor (turista) e o cidadão local, por olhares diferenciados, têm como elementos de interesse comum os bens simbólicos.

SÍMBOLOS E IMAGENS DA IDENTIDADE CULTURAL EM LUANDA BEIRA BAHIA

Maria Goretti de Oliveira Costa (UESB, Jequié)

A obra *Luanda Beira Bahia* do escritor baiano Adonias Filho possui elementos simbólicos e imagéticos da construção da identidade cultural brasileira, a saber: a África, a árvore e o mar, sobre os quais está pautado este trabalho. Símbolos estes que "exalam" sentidos constituindo, dentro da narrativa, peças fundamentais para o entendimento de uma natureza essencial e ancestral. Tais símbolos conferem significado e dinamismo à narrativa, visto que uma nação é uma comunidade simbólica com a qual nos identificamos e a literatura, por sua vez, veículo dialético constante neste processo, permite uma leitura da identidade nacional que transcenda a banalidade, o corriqueiro, o que está aos olhos, exigindo o desprender-se da superficialidade da terceiridade aprisionada em formas definitivas. Assim, tendo em vista um maior entendimento quanto ao poder que esses elementos exercem no imaginário humano, esse trabalho tem por objetivo explorar as várias possibilidades, inscritas em uma demanda do personagem central Caúla, como constitutivas da identidade brasileira, além de sua importância para a compreensão da gênese da mesma. Ao investigar esses símbolos, este trabalho enfatiza o papel da Semiótica como uma Teoria Crítica da Contemporaneidade, importante para o entendimento da literatura e sua relação com a identidade cultural.

A PROPAGANDA TURÍSTICA DE ILHÉUS EM GABRIELA CRAVO E CANELA

Maria José Souza Araújo (UESC)

Este trabalho tem por objetivo analisar aspectos da influência amadiana, centrados na figura de *Gabriela*, sobre peças de propaganda turística de Ilhéus. O ponto de vista teórico é o da Análise de Discurso de linha francesa. Os resultados mostram que alguns caracteres da personagem *Gabriela* são tomados como símbolos da identidade regional do Sul da Bahia e considerados capazes de atrair o fluxo turístico. Dessa forma, a figura de Gabriela funciona como um mito que funda e determina a história de Ilhéus e da região.

RE)VISITANDO A LITERATURA DE CORDEL: AS HISTÓRIAS DO POETA ANTONIO VIEIRA

Maria Luíza França Sampaio (UNEB, Campus V)

O texto tem como objetivo discutir a obra do poeta Antonio Vieira, procurando entender como ele realiza o trabalho de “remoçar” um estilo poético atado a uma tradicionalidade aparentemente imutável. Para isso, buscamos compreender como ele (re)significa signos e imagens próprios da memória individual e da memória coletiva, aproxima diferentes falares dando origem a um “entre lugar”, a um deslocamento das forças culturais. Ao escrever *O Cordel Remoçado: As histórias que o povo conta*, o poeta Antonio Vieira deixa claro que seu trabalho de remoçar não rompe com a estrutura de um estilo literário marcado pela oralidade, ímpar em preservar sua origem matricial, que não tem pretensão de buscar novos padrões. Os folhetos de Vieira procuram descrever a realidade nacional com muita comoção. Percorrem os caminhos de seus antecessores e apresentam ao público leitor eventos relevantes que despertam o interesse dos ouvintes. Nesse trabalho, partimos da análise do texto "O menino que depois de muito sujar virou besuntão", quando o autor, ao problematizar o termo "besuntão", o (re)significa, amplia a teia significativa do termo, atualizando-o. Age como um sujeito que não mais é o homem nascido em Santo Amaro, mas um homem de múltiplas vivências.

MULHER, MULHERES, SOB O LEITE DERRAMADO: UMA LEITURA DE "NUNCA MAIS" DE LÚCIA CASTELO BRANCO

Mariângela B. Santos (Professora Assistente de Literatura Portuguesa - UESB)

Resultante de um amadurecimento crescente de sua consciência crítica, a produção ficcional de autoria feminina mais recente revela uma mulher a interrogar a realidade, em busca de um novo conhecimento de si e dos outros. Essa inquietude existencial, que tende a romper os limites do seu "próprio eu", opta, abertamente, pela "linguagem do corpo" e "pelo prazer do corpo", colocando em agudez o problema da mulher de hoje, pressionada entre dois mundos: o tradicional/proibitivo e o moderno/liberador. A identidade feminina na obra de Lúcia Castelo Branco é um tema problematizado a partir do corpo que fala e se auto-revela, para, simultaneamente, questionar o legado da tradição patriarcal e o legado da tradição moderna, revelando novas construções identitárias. Nesta comunicação, pretende-se discutir tais aspectos à luz da crítica feminista que reafirma o valor do feminino sob a análise da diferença.

A CENTRALIDADE DO CONTEÚDO E A ÊNFASE NO SIGNIFICADO: CERNES DA LITERATURA

ESPECULATIVA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

*Marília Flores Seixas de Oliveira (Professora Assistente de Cultura Brasileira - UESB/
Doutoranda em Desenvolvimento Sustentável - UNB)*

O artigo discute aspectos teóricos da literatura especulativa de ficção científica dialogando com pressupostos da Estética da Recepção, propondo como caminho analítico deste estilo a valorização do conteúdo diegético, a carga perlocutória e a ênfase no significado, analisando também a importância da leitura e da *literatura* na formação de consciência crítica propiciadora de mudanças e de condutas éticas em oposição à alienação e ao conformismo da modernidade. Discute possíveis efeitos heurísticos da leitura de narrativas literárias distópicas, sua dimensão crítica reflexiva, enfatizando o caráter formativo da ficção científica na perspectiva da ampliação da noção de responsabilidade e de ajuizamento das ações presentes, a partir do caráter prospectivo adotado pelo leitor ao se defrontar com "mundos possíveis": se o futuro não é contingente relativamente ao presente, o agir no presente é condição para a reversão de quaisquer perspectivas futuras que se nos assemelhem aterradoras. Refletindo sobre o grau de complexidade da síntese literária envolvida na criação de um porvir virtual verossímil, o estudo aborda tanto a interdisciplinaridade do trabalho estético-imaginativo do autor quanto o caráter especulativo destes textos, que estabelecem narração de origem às avessas, cujo início é o presente, tempo-espaco em que se situa o marco primordial dos acontecimentos que conduzirão ao cenário futuro da narrativa ficcional especulativa. Na literatura especulativa de ficção científica, a elaboração estética da linguagem é posta a serviço da construção do cenário futurista, e as bases *sintáticas*, *semânticas* e *estruturais* do texto são organizadas em função do conteúdo, da ocupação do presente por um futuro imaginário que se revela ao leitor entrelaçado nas formas mais simples da linguagem do cotidiano, evidenciando o predomínio do significado.

DERIVAS A PARTIR DE GUMBRECHT E LYOTARD: OS CONCEITOS DE FIGURAL E PRESENÇA

Marília L. Rocha (Professora Doutora de Teoria da Literatura - UESB)

O propósito desta comunicação é estabelecer relações de proximidade entre os conceitos "figural", proposto por J.F.Lyotard em *Discours, figure* (1971), e "presença", proposto por H.U.Gumbrecht em *Production of presence* (2005), com o intuito de compreender, a partir mesmo de suas diferenças, a tentativa de descrição da experiência estética como algo que escapa ao campo hermenêutico e

semiótico, situando-se aquém ou além das interpretações como epifania ou ascese. Lyotard define o figural como "uma manifestação espacial que o espaço lingüístico não pode incorporar sem ser perturbado, uma exterioridade que ele não pode interiorizar em *significação*. Em *Production of presence*, o subtítulo *What meaning cannot convey*, "o que o sentido não pode transportar/comunicar", assinala justamente o efeito de presença que escapa ao campo da significação. A questão do figural é espacial, assim como a da presença, impacto das coisas no corpo. O acontecimento, "figural" ou "presença", pode ser uma qualidade de cromatismo ou um certo timbre, diz Lyotard; pode ser um ritmo ou a visão de um belo corpo, diz Gumbrecht. Para acolher esse acontecimento é necessária uma passividade sem *pathos*, diz Lyotard; ou um estado de quietude, diz Gumbrecht. Trata-se, diz Lyotard em *Peregrinations*, "de uma ascese, um poder suportar a ocorrência 'diretamente', sem a mediação protetora do 'pré-texto'", assim como, diz Gumbrecht, as interpretações visam a domar a intensidade da presença, seu impacto e violência. Por não podermos dizer o que é "isto" que nos atinge, Lyotard o denomina "algo", e acrescenta: "digam o ser, se quiserem, Kant dizia 'o X em geral'". Independentemente de afirmar a resistência política ou a irreverência estética, como faz Lyotard e não faz Gumbrecht, ambos, "figural" ou "presença" aparecem como um cerne *inaccordable* que irrompe como verdade.

LITERATURA E VISUALIDADE

*Marinyze das Graças Prates de Oliveira (Professora Doutora
de Teoria da Literatura – FJA)*

Pretende-se refletir sobre a maneira pela qual o cinema nascente buscou na literatura elementos que possibilitassem a construção de sua linguagem e o instrumentalizassem para contar histórias, enquanto na contemporaneidade, quando se vive a era da imagem, dá-se um processo inverso: a literatura busca no diálogo com o cinema procedimentos capazes de atualizar e potencializar o seu dizer, tornando-se cada vez mais imagética.

LITERATURA ORAL E IMAGINÁRIO EM PERSPECTIVA DE EXPANSÃO ATRAVÉS DO TURISMO CULTURAL

*Marivalda Guimarães Sousa (Mestranda em Cultura e Turismo – UESC)
Maria de Lourdes Netto Simões (Orientadora – UESC)*

Entendendo a Literatura como um discurso ficcional múltiplo (TODOROV, 1980), este estudo visa a abordar o imaginário concernente às águas do rio Cachoeira, aos causos narrados oralmente pelos ribeirinhos que ocupam as suas margens, especificamente no Banco da Vitória, localizado no município de Ilhéus-BA, na Br 415 da rodovia Ilhéus/Itabuna. Trata-se de narrativas que são elaboradas no cotidiano, a partir da experiência individual de cada contador em sua labuta diária, na intimidade com as águas do rio Cachoeira. A singularidade dessas narrativas não se limita apenas ao seu valor estético, mas em sua força representativa, no valor sociocultural que as reveste, pois evidenciam um *ethos* cultural característico do lugar. Abordadas como *literatura oral* (CASCUDO, 1984), como *formas simples* (JOLLES, 1975) ou ainda como *literaturas da voz* (ZUMTHOR, 2000), por definirem os elementos fundamentais da *vocalidade* e da *performance* (centrada no ato imediato da comunicação), estas narrativas apresentam caráter de *etnotexto* (SANTOS, 1995), ou seja, um discurso que um grupo social elabora sobre sua própria cultura, na qual reforça e questiona sua identidade. Das narrativas recolhidas na pesquisa, selecionamos duas para análise: *A mulher de sete metros*, por se tratar de uma lenda essencialmente local; e o *Nego d'água*, um mito que, apesar de aparecer em diversas localidades no Brasil, apresenta particularidades locais. A divulgação dessas narrativas pode contribuir para a ampliação de ofertas de atrações turísticas dos municípios Ilhéus/Itabuna, proporcionando uma experiência diferenciada ao turista que "reúne condições de ser o elo na cadeia de transmissão sobre as qualidades da sociedade/lugar visitado; que interpreta e respeita a cultura local", conforme Simões (2001, s/p).

LENDO "A PARASITA AZUL": RELENDO PARADIGMAS DE PRODUÇÃO E RECEPÇÃO

Marleide S.Paes (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)

Patrícia Pina (Orientadora - UESB)

A presente comunicação tem como objetivo estudar o conto "A parasita azul", de Machado de Assis, a partir da desestabilização das expectativas do leitor oitocentista brasileiro. No século XIX, o leitorado existente e disponível para a literatura, o qual destinava às leituras suas horas vagas, habituara-se aos padrões românticos de produção e recepção. Machado de Assis constrói a narrativa em tela jogando com as referidas expectativas e novas possibilidades literárias. Este estudo será desenvolvido à luz das Teorias da Recepção (Jauss) e do Efeito (Iser), a fim de promover uma reflexão sobre as relações entre a produção e a recepção da literatura no XIX brasileiro.

GODOFREDO FILHO E O MODERNISMO NA BAHIA

Marta Maria da Silva Brasil (Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - UFBA)

Tratar-se-á, nesta comunicação, da recepção do Modernismo na Bahia e da importância de Godofredo Filho neste cenário literário baiano. Dar-se-á ênfase aos aspectos da cultura local naquele período de 1922, com destaque para as obras que surgiram e sua importância no âmbito nacional, os autores que participaram do Movimento e, especialmente, como se desenvolveu a produção poética de Godofredo Filho em torno da estética modernista. Buscar-se-á compreender as dimensões alcançadas pelo ideário de 22 e efetivamente a importância da Bahia no evento.

A LITERATURA LÚDICO-LOBATIANA E O CÂNONE BRASILEIRO

Marta Valéria Ribeiro Soares (PPGLDC – UEFS)

Monteiro Lobato, autor de *Urupês* e de *Cidades mortas*, é reconhecido pela academia em relação às suas produções endereçadas ao público adulto. Porém, quando se trata de suas obras infantis, com exceção de "O sítio do pica-pau amarelo", obra televisionada pela Rede Globo, seu trabalho não teve o mesmo reconhecimento, primeiro por uma camada do público-alvo e, segundo, por muitas delas terem um caráter didático, embora o estético também esteja presente nas mesmas. O objetivo deste trabalho é destacar o livro *Emília no país da gramática*, como lúdico-didático, pois nele as crianças leitoras aprendem conceitos, divertindo-se, brincando. Em síntese, este livro é influenciado pela concepção clássica horaciana de arte útil e bela. Se esta obra, como outras de Lobato, alia o conhecimento ao estético, não há razão de ela não ser revista e inserida no cânone brasileiro, fazendo parte, definitivamente, da historiografia literária do Brasil.

JOSÉ DE ALENCAR E A INVENÇÃO DA TRADIÇÃO NACIONAL

Maurício Aguiar (Doutorando em Sociologia - IUPERJ)

O presente trabalho procura sistematizar certas preocupações do romancista José de Alencar, a partir de alguns de seus romances escritos na década de 1870. Pode-se percebê-lo como um ensaio, um escrito mais livre, que pretende interpretar a maneira pela qual Alencar significava e atribuía valor a certas questões nacionais. Ou melhor, como, através de seus textos, o valor “nacional” vai se constituindo, ganhando unidade de sentido e impondo-se como uma interpretação social. Trata-se de compreender como o autor discute e recria os elementos que comporiam a unidade simbólica da incipiente nação, dotando de sentido essa sistematicidade. A análise desses romances se divide em duas partes. Na primeira serão abordados os romances *A Pata da gazela* e *Encarnação*, categorizados como urbanos, cujas narrativas são desenroladas no Rio de Janeiro. Nestes romances, tentar-se-á apreender a crítica social realizada por Alencar acerca da sociabilidade carioca. Os pontos que para o romancista poderiam ser interpretados como uma experiência de decadência moral. A segunda parte é composta dos romances históricos *O gaúcho* e *O sertanejo*. Através destes, tentar-se-á sistematizar o parâmetro pelo qual se constitui a crítica social dos romances urbanos: a idealização do tipo brasileiro. Uma ficção que teria como pressuposto descrever uma tradição nacional, a partir da invenção de um sentimento que consubstanciasse uma glorificação identitária. Trata-se, portanto, de investigar os valores implicados nas formulações acerca de tal identidade nacional, e como estes conformam um discurso específico. Uma imposição de sentido que tem como base uma invenção de um passado, uma pintura comprometida com certas urgências sociais do século XIX: civilizar moralmente e uniformizar identidades, ou seja, retratar "o brasileiro". Resta identificar os contornos que definem essa moral, base da identidade brasileira forjada com sua pena.

SACRIFÍCIO E HEROÍSMO NUM BANQUETE TOTÊMICO

*Midian A. M. Garcia (Professora Assistente de
Teoria da Literatura – UESB/FJA)*

Pretende-se analisar o conto "O Peru de Natal" de Mário de Andrade, a partir de uma interlocução com a sua produção epistolográfica. A análise do motivo do sacrifício orienta a relação com as correspondências enviadas pelo autor a outros intelectuais da época. Nas cartas, manifesta-se um "eu" construtor da cultura, inebriado pelo anseio do sacrifício. Se no conto em questão, projeta-se um sujeito ficcional que se sacrifica em função da felicidade familiar, cabe dizer que uma vez asseguradas, no plano estético, as transgressões preconizadas pelo modernismo de 22, o intelectual Mário de Andrade começou a tematizar, através de sua obra mais madura, a necessidade de uma modernização no cerne da

família burguesa. A busca por relações familiares diferentes é contígua ao espírito transgressor diante da linguagem. É nesse sentido que se pode ler no conto uma estética implícita, uma vez que a transgressão do narrador associa-se ao ideário dos primeiros modernistas. Assim, pretende-se analisar como são tematizadas, numa narrativa tipicamente moderna, as rupturas em relação ao ideal modernista, amplamente registradas nas correspondências de Mário de Andrade.

A VALSA: LÍRICA E EROTISMO NA REPRESENTAÇÃO DOS BAILES DO SEGUNDO REINADO

Milena Alves de Andrade (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marcello Moreira (Orientador – UESB)

Escritos na segunda metade do século XIX, os poemas "A Valsa" e "O Baile!" de Casimiro de Abreu tomam como matéria do poetar fenômenos culturais característicos do Segundo Reinado e, por meio da produção de uma representação verossímil dos referidos ritos de sociabilidade, ou seja, o baile e a valsa, cria-se um conjunto de imagens que os identificam à expressão do desejo e à erotização do dançar, o que implica simultaneamente sua condenação devido ao que se ajuíza transgressão dos mores. Na proposta que ora se apresenta, visa-se, também, a partir do estudo da sociedade carioca da segunda metade do século XIX, a compreender a vida nos salões do Segundo Reinado e sua importância para as elites imperiais e como a poesia propõe a constituição de um sujeito enunciativo que diz sofrer a dor de um amor não correspondido motivado pela volubilidade dos afetos promovida pelo baile e pela valsa.

IMAGEM DIGITAL, HIPERTEXTO E A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO TURÍSTICO A PARTIR DA DRAMATURGIA E DO JORNALISMO DA REDE GLOBO DE TV

Moabe Breno Ferreira Costa (FTC/UESC)

Ao apresentar normas de conduta, modas, costumes e tradições, a TV acaba estabelecendo limites culturais das localidades retratadas. Em muitos casos, esses limites podem instigar a curiosidade do telespectador e induzi-lo ao deslocamento, transformando-o em turista. Por essa perspectiva, está traçada, neste artigo, uma discussão sobre a interferência da imagem manipulada (a imagem digital) e da hipertextualidade da TV na formação do imaginário popular, fazendo uma conexão com possíveis implicações desses fatores junto ao setor

turístico, a partir do confronto entre as narrativas de novelas (*Porto dos milagres, A indomada, Tieta do agreste e Pedra sobre pedra*) e do jornalismo da Rede Globo de televisão (Série "Desafios do Turismo Nacional", apresentada pelo jornal nacional, em setembro de 2003), evidenciando as etapas de codificação e decodificação. Assim, busca-se estudar o processo de trocas simbólicas entre as mensagens emitidas e o imaginário do telespectador, refletindo sobre as relações sociais e as produções culturais que emergem nos locais receptivos, a partir desses processos comunicativos. Consta a propagação de um imaginário turístico que delimita o Nordeste como uma região do exótico com pouco desenvolvimento socioeconômico, ao passo que o eixo Sul-Sudeste é caracterizado como espaço em que se legitima uma brasilidade voltada para o desenvolvimento econômico e a adaptação às transformações tecnológicas. Assim, tem-se a propagação de um Nordeste como centro de alteridade nacional, onde se apresenta a idéia de regionalismo, enquanto as outras regiões correspondem a locais de desenvolvimento socioeconômico e legitimação da cultura contemporânea brasileira.

UM SILÊNCIO INQUIETANTE: AS "MORTAS" DAS HISTÓRIAS LITERÁRIAS

Nancy R. F. Vieira (Professora Doutora de Literatura Brasileira – UCSAL)

O trabalho de resgate da produção oitocentista de autoria feminina constitui-se em uma das tarefas a que pesquisadoras/res têm se detido nas últimas décadas, dando visibilidade a uma produção até então esquecida em jornais antigos, em baús familiares lacrados, em reedições que nunca aconteceram. Embora tenham tido aceitação e tenham seus nomes registrados em histórias literárias oitocentistas, a modernidade se incumbiu de apagá-los. Essa comunicação opera com a perspectiva da crítica feminista e problematiza acerca do apagamento da produção feminina nas histórias da literatura, partindo do imbricamento entre o político e o literário, tema do último encontro do GT "Mulher e Literatura".

GABRIELA: IDENTIDADE GRAPIÚNA OU COLONIAL?

Odilon Pinto de Mesquita Filho (Professor Doutor de Linguística - UESC)

Este trabalho pretende mostrar que o romance *Gabriela cravo e canela*, de Jorge Amado, desempenha a função de grande narrativa fundante da identidade

cultural grapiúna, no sul da Bahia. Essa função foi intensificada pela adaptação do romance às linguagens da TV e do cinema. A análise de aspectos culturais no romance, ligados a gênero, política e grupos sociais, estabelece uma relação genética com elementos atuais da identidade regional. Costumes e valores mostrados no romance ainda funcionam hoje como marcas de "pertencimento" cultural a essa região. A abordagem teórica é baseada nos estudos culturais.

RELENDO ANTONIL: DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO E MANUFATURA DO AÇÚCAR NA LITERATURA INFORMATIVA DO SÉCULO XVIII

Orlando José Ribeiro de Oliveira (Professor de Cultura Brasileira - UESB)

A partir da releitura do texto de Antonil (*Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, 1711), exemplar clássico da literatura informativa do século XVIII, analisa-se a divisão social do trabalho na manufatura do açúcar, à luz da teoria marxista e de estudos produzidos sobre a economia colonial. O artigo apresenta o complexo plantação-engenho discutindo as relações sociais de produção e as diversas ocupações de trabalho especializado, estabelecendo o caráter coletivo do processo produtivo e as condições em que as categorias de trabalhadores se inseriam na manufatura linear. A análise é sintetizada num diagrama das fases do processo de produção do açúcar, considerando tanto a divisão das categorias de trabalho (livre e escravo) quanto a especialização envolvida em cada etapa produtiva. O caráter seriado do processo produtivo do açúcar descrito por Antonil, revelador da estrutura linear da manufatura, é sintetizado na inter-relação dos macro-processos de *moagem, cozimento e purga*, baseados no trabalho escravo, mas já dependentes do trabalho assalariado. São esses macro-processos que orientam, neste artigo, a definição das categorias de trabalhadores, das hierarquias e das condições de trabalho. Apesar de centrar a análise na manufatura do açúcar, o texto aborda, também, as atividades subsidiárias a ela, tais como o plantio e o corte da cana e o transporte (terrestre e marítimo) da matéria-prima e do produto final. Outros aspectos relativos à manufatura do açúcar também são depreendidos do texto de Antonil e abordados no artigo, desde os meios de produção (moenda, alambique, cobres e tachos, formas, fornalhas etc.) até os insumos necessários (animais de tração, lenha, madeiras, embarcações, carros-de-boi, caixotes etc.).

A ANTROPOFAGIA POÉTICA DE FERNANDO PESSOA

Patrícia Conceição Borges Franca Fialho Cerqueira (PPGLDC - UEFS)

Esta comunicação pretende analisar a intertextualidade na poesia de Fernando Pessoa. De acordo com Bakhtin, a intertextualidade designa o diálogo entre os textos, isto é, as relações que todo enunciado mantém com outros enunciados. Para Genette, a intertextualidade, calcada no dialogismo bakhtiniano, se define por 'uma relação de co-presença entre dois ou vários textos', isto é, o mais das vezes, pela 'presença efetiva de um texto num outro'. Citação, plágio, alusão são suas formas correntes. Examinando a obra do poeta português, percebemos que este foi influenciado pelos grandes escritores que o precederam. Desde cedo, devido a sua educação na língua inglesa, Pessoa entrou em contato com os grandes escritores dessa língua. Milton, Byron, Shelley, Tennyson, Keats, Poe, e principalmente Shakespeare, entre outros, fizeram parte das leituras de Pessoa durante sua vida escolar. Roman Jakobson, em seu texto "Os oxímoros dialéticos de Fernando Pessoa", diz que: "É preciso incluir o nome de Fernando Pessoa no rol dos artistas mundiais nascidos no curso dos anos oitenta: Picasso, Joyce, Braque, Stravinski, Khliébnikov, Lé Corbusier. Todos os traços típicos dessa grande equipe encontram-se condensados no grande poeta português." Como diria Oswald de Andrade, Fernando Pessoa foi um grande antropófago.

A CRÍTICA LITERÁRIA OITOCENTISTA BRASILEIRA E A CONSOLIDAÇÃO DO MITO MACHADIANO: SÍLVIO ROMERO, ARARIPE JR., JOSÉ VERÍSSIMO

Patrícia K. da Costa Pina (Professora Doutora de Teoria da Literatura – UESB)

O caráter "auditivo" da cultura brasileira favoreceu o florescimento e a manutenção de uma atividade crítica marcada pela paradoxal ausência de reflexão e pela construção de verdades discutíveis, porém irrefutáveis. Assim, os grandes nomes de nossa literatura, principalmente no século XIX, ora foram alvo de contendas acirradas nos jornais da época - que, em sua maioria, tinham como parâmetro a questão do nacionalismo literário -, ora fizeram-se algozes de seus pares. Segundo o critério nacionalista, o valor de uma obra e a importância do escritor se mediam de acordo com seu grau de inserção numa linha de legitimação do Brasil enquanto Nação autônoma. Militando no campo da crítica literária oitocentista brasileira, campo este cujos limites se faziam bastante flexíveis, Silvio Romero, Araripe Jr. e José Veríssimo destacam-se dentre os inúmeros críticos que se ocuparam do escritor Joaquim Maria Machado de Assis e de sua obra. Os três tematizaram a pertinência do critério nacionalista para o estudo da obra machadiana. Esta Comunicação busca enfocar textos dos três

críticos apontados acima, cuja base seja a discussão em torno da natureza nacionalista ou não da produção do escritor fluminense. Minha hipótese é de que a polêmica que se estabelece entre eles acaba por funcionar tanto para a consolidação do mito machadiano, como para o estabelecimento, para a concretização, da autoridade e do valor dos críticos e da crítica. A polêmica ao redor de Machado de Assis teatraliza o pensamento crítico e ratifica a ausência de reflexão própria de nossa cultura, aproximando-se do público possível na época.

A SÁTIRA NATIVISTA DE GREGÓRIO DE MATOS

Patrícia Vitória Mendes dos Santos (UESC)
Sandra Maria Pereira do Sacramento (Orientadora - UESC)

A diversidade textual em que escreveu Gregório de Matos, tanto quanto a multiplicidade “das vidas” que teve – como trovador errante e como intelectual, como branco preconceituoso com os mestiços e como voz inconformista perante as desigualdades sociais, como alto funcionário e como marginal, como amante de mulatas e galante conquistador de senhoras casadas, enfim, como “ovelha desgarrada”, e como teórico do pecado, em busca de salvação – constituem, sem dúvida nenhuma, uma experiência exemplar de estilo e espírito barroco em nossa literatura. O fundamento da proposta deste trabalho destaca um dos gêneros prediletos de Gregório de Matos que é a poesia satírica nativista, irreverente e devastadora, através da qual denuncia a situação da colônia ao longo do século XVII.

GUMBRECHT, DELEUZE E GUATTARI: A POSSIBILIDADE DE UM PARADIGMA ESTÉTICO-POLÍTICO NÃO-HERMENÊUTICO

Pedro Dolabela Chagas (UERJ)

Esta comunicação abordará a presença – e a ausência – polêmica do político no pensamento de Gumbrecht, a partir de algumas questões nele atuantes: a falência da concepção de literatura como produção subversiva à ordem do Estado; o tema da “materialidade da comunicação”, e a teorização do efeito estético como “produção de presença” como vias de autonomização dos Estudos Literários face à normatividade política da estética filosófica; por fim, a abordagem de temas imprevistos – a culinária, o esporte, a mídia, em oposição ao preconceito que se lhes concede no ambiente acadêmico – como estratégia para o desenvolvimento de uma reflexão estético-epistemológica colada à experiência

cotidiana. O objetivo está em posicionar a polemização do político na condição de fio comum que interliga aquelas questões, dentro da problemática maior que interessa a Gumbrecht: a desconstrução do "campo hermenêutico" – suma epistemológica da Modernidade –, com o vislumbre das suas limitações, e do seu (por enquanto hipotético) ultrapasse. O diálogo que procurarei estabelecer girará em torno das condições de possibilidade da manutenção da problematização ético-política do literário, uma vez aceita a crítica de Gumbrecht ao "campo hermenêutico". Para tanto, chamarei em meu auxílio Gilles Deleuze e Félix Guattari, autores que, a partir de críticas semelhantes às de Gumbrecht, preservaram, e mesmo reforçaram a centralidade do político.

A IMPORTÂNCIA DAS PRÁTICAS LETRADAS NO REGIME MONÁRQUICO PORTUGUÊS DO SÉCULO XVIII: UMA LEITURA DE DOIS SONETOS LAUDATÓRIOS A DOM JOÃO V

Polliana Freire do Anjos (IC/PIBIC - UESB)

Marcello Moreira (Orientador – UESB)

Dentre as práticas letradas do século XVIII, este trabalho deter-se-á na análise de dois poemas pertencentes ao subgênero laudatório do epidítico que comemoram Dom João V como patrono das Letras. O objetivo desses sonetos laudatórios – o primeiro de Gonçalo Soares da Franca, *Deve, senhor, o ver-se ressurgida*, e o segundo de Sebastião da Rocha Pita, *Monarca Augusto da ciência amante* -, participantes da retórica triunfalista, compostos por estilo e linguagem elevados, não era apenas o de louvar o monarca, mas também o de persuadir leitores e ouvintes da importância e preeminência do rei, ou seja, também se propunham a fabricação de uma imagem do monarca a mais favorável possível, de que advém seu caráter político. A imagem benfazeja de Dom João V construída pelos sonetos promove a República das Letras que promove, por seu turno, a memória do rei e da monarquia que ele encabeça. O encômio é, portanto, encômio também da República das Letras.

LIRISMO E MEMÓRIA URBANA EM RUY ESPINHEIRA FILHO

Rafaela Giovana Lima Santana (Bolsista PIBIC/UEFS)

Aleilton Fonseca (Orientador – UEFS)

O poeta Ruy Espinheira Filho (1942) assume em sua obra poética a condição de ser-e-estar na cidade moderna, utilizando os registros da memória e

as imagens cotidianas como fonte de lirismo. Vários de seus poemas evidenciam um sentimento nostálgico, evocando experiências vividas ou imaginadas, em cenários interioranos nos quais o autor passou a infância e a juventude. Assim, o poeta reinventa o espaço das lembranças, acionando a linguagem da recordação para plasmar registros líricos de situações vividas e de sentimentos acumulados. Nos seus poemas, ele recria uma cidade afetiva que se movimenta de maneira diferente da urbe contemporânea, porque recuperada pela idealização e pelo sonho. Neste trabalho, estudam-se alguns dos poemas do autor que evidenciam o caráter memorialístico de sua escrita, o registro das vivências do eu lírico e as visões da cidade atual.

AUTORIA FEMININA E A VIOLÊNCIA ONTEM E HOJE: CAROLINA MARIA DE JESUS, CLARICE LISPECTOR, MARIE- CLAIRE BLAIS, SIMONE DE BEAUVOIR E VIRGINIA WOOLF

Raimunda Bedasee (UFBA)

A presente comunicação desenvolverá uma breve análise sobre obras específicas de escritoras brasileiras e estrangeiras que discutiram em suas obras a temática da violência praticada contra a mulher ou por ela exercida. Virginia Woolf, por exemplo, coloca-se pessoalmente como objeto das restrições contra a sua vontade de escrever em *A Room of one's own* e denuncia a violência surda que toma conta da sociedade inglesa. Já em *Quarto de despejo*, a autora, Carolina de Jesus, conta a sua história cotidiana de moradora da favela do Canindé. Carolina, transformada em celebridade internacional, encarna a mulher negra e pobre, vítima da imobilidade social brasileira. Seu livro causou grande impacto nos meios acadêmicos e em seus dias de glória Carolina de Jesus fez viagens, deu entrevistas e era presença obrigatória em congressos, o que contrasta profundamente com o estilo de vida da antiga empregada doméstica. Essa mesma figura de empregada doméstica é ficcionalmente representada por Clarice Lispector em *A paixão segundo G. H.* Ações desta personagem dão origem a uma experiência que se encontra imbricada harmoniosamente com a realidade cotidiana. O “encontro” entre patroa e empregada desencadeia representações metafóricas intensas. Constata-se, assim, a existência de uma relação entre mulheres caracterizada pela opressão e pela vitimização. Na França, a feminista Simone de Beauvoir iniciou com sua análise literária a crítica comprometida contra o patriarcalismo e o sexismo através da análise das formas de representação da violência contra a mulher (*Segundo sexo*) tornando-se assim nome imprescindível na história da representação da violência contra a mulher

no universo literário. E, finalmente, Marie-Claire Blais, escritora quebequense, prima pela representação da mulher enquanto agente da violência mais que enquanto vítima em vários dos seus romances. Verifica-se, atualmente, o enriquecimento cada vez maior da literatura feminina com representações que mostram uma mulher cada vez mais senhora de suas ações.

“AGORA SABES QUE SOU VERME”: PEDRO KILKERRY, O SIMBOLISMO E A CRÍTICA TEXTUAL

Rita de C. R. de Queiroz (Professora Doutora de Filologia e Língua Portuguesa - UEFS)

O poeta baiano Pedro Kilkerry, nascido em 1885 e morto em 1917, de tuberculose, era formado em Direito. Boêmio, não deixou sequer um livro publicado. Sua obra poética, dispersa nas revistas *Nova Cruzada* e *Os Anais*, foi recolhida por Jackson de Figueiredo e, em 1970, compilada por Augusto de Campos no livro intitulado "Revisão de Kilkerry". A poesia de Kilkerry, sintética e repleta de imagens fortes e desconcertantes, é vista como uma das grandes forças do simbolismo brasileiro, no entanto, Augusto de Campos compilou o que foi possível localizar. Pretende-se, agora, editar criticamente os poemas de Kilkerry, a fim de restabelecê-los de acordo com os princípios da Crítica Textual. Nesta perspectiva, examinar-se-ão todos os testemunhos e versões existentes de um mesmo texto, com o objetivo de apresentá-lo depurado o mais possível de todos os elementos que levem ao processo de escritura, a fim de oferecê-lo o mais fidedigno possível.

UMA MULHER VESTIDA DE SOL: A REPRESENTAÇÃO DE UMA IDENTIDADE CULTURAL NA LITERATURA E NA DANÇA ARMORIAIS

Roberta Ramos Marques (Doutoranda em Teoria da Literatura - UFPE)

Promoveremos, neste trabalho, um estudo comparativo entre duas obras armoriais pertencentes a dois domínios artísticos diversos: a peça *Uma mulher vestida de sol* (1947), de Ariano Suassuna, e o espetáculo homônimo de dança contemporânea (2001), do Grupo Grial (Recife, PE). O objetivo é identificarmos e discutirmos em que medida, nestas duas obras, se materializa a representação de uma identidade cultural pautada nos cruzamentos entre a cultura popular e a cultura erudita, preocupação constante da estética armorial. Nossa discussão

norteia-se pela constatação de que o projeto ideológico do movimento armorial, de construir uma identidade cultural, consegue fortalecer-se como um discurso extraído de uma prática literária pré-existente à oficialização deste movimento; no entanto, a dança cênica armorial, por ter como materialidade discursiva os textos produzidos pelo próprio corpo, e sendo este concebido como um entre-lugar (Bhabha *apud* Katz, 2005), faz com que a tentativa de se construir uma identidade fixa não encontre eco. Através da perspectiva dos Estudos Culturais, problematizamos tanto a cultura popular como fonte da verdadeira identidade nacional, quanto uma concepção de sujeito "cognoscente e racional provido de uma identidade fixa e unificada" (Hall, 1999).

CENÁRIO ORIENTAL EM EÇA DE QUEIRÓS: UMA LEITURA D' A RELÍQUIA

Rosana Carvalho da Silva. (UEFS)

Em finais de 1869 o escritor realista português José Maria Eça de Queirós empreende uma viagem ao Oriente e produz, a partir desta, relatos de viagem, que serão publicados postumamente com os títulos *O Egito* e *A Palestina*. O presente trabalho tem como objetivo relacionar essas obras póstumas com o seu romance, publicado em vida, *A Relíquia*. O escritor aproveita aquelas notas de viagem para compor os percursos que Teodorico Raposo, o narrador-personagem d' *A Relíquia*, fará ao visitar o Oriente Médio. Nota-se neste romance que Teodorico fará uma peregrinação por esses lugares santos observando seus costumes, suas misérias e as suas famosas arquiteturas. Apesar da característica de deboche e sarcasmo que permeará o personagem, os lugares visitados por este são resquícios da viagem oriental de Eça. Assim, este romance será visto como uma reescritura em tons paródicos dos relatos de viagem produzidos pelo Eça jovem, quando de sua ida ao Oriente.

ASSUNÇÃO DO CONTEÚDO: O LITERÁRIO E AS CIÊNCIAS SOCIAIS

Sandra Sacramento (Professora Doutora de Literatura Brasileira - UESC)

O trabalho objetiva discutir a questão da literatura e seus vários conceitos ao longo de séculos, em que ora se priorizava o conteúdo, ora a forma. A partir dos anos (são) do século passado, com os Estudos Culturais e com a influência do aparato tecnológico produtor do artístico, o lugar da literatura passou a ser

nisto constante um leque maior entre outras produções discursivas, tendo, das chamadas Ciências Humanas, contribuições importantes para o seu entendimento. Nesse sentido, é possível detectar a pretensão do literário de se eximir de um comprometimento maior com a realidade sócio-histórica circundante, apregoada pela "arte-pela-arte", fenômeno defendido desde a Antigüidade. Tal visada, de alguma forma, foi estudada por Walter Benjamin como a aura, perseguida pela arte rumo ao transcendente.

O DISCURSO CULTURAL DOMINANTE EM ILHÉUS E A CORRESPONDÊNCIA COM O IMAGINÁRIO AMADIANO: O SUFOCAMENTO DA DIVERSIDADE CULTURAL

Sandro Campos Neves (Mestrando em Cultura e Turismo – UESC)
Odilon Pinto de Mesquita Filho (Orientador)

O presente artigo busca analisar a correspondência entre o discurso cultural dominante em Ilhéus e o imaginário amadiano, intermediados pela retórica pessoísta. Procura-se demonstrar que o imaginário amadiano, em conjunto com a ideologia pessoísta, dos coronéis do cacau, ajudou a construir um discurso cultural dominante que sufoca outras possibilidades de narrativas sobre a memória de Ilhéus. Essa ideologia, apropriada pelo discurso do *marketing* turístico na cidade, se torna uma importante ferramenta para justificar a priorização de investimentos na área de patrimônio. Dessa forma, o discurso hegemônico permite a justificação da escolha do patrimônio a ser preservado com o recurso público. Essa escolha, como poderá ser percebido pela análise das políticas de cultura e turismo no município, recairá sobre aquilo que é patrimônio de uma elite que procura impor seu discurso sobre cultura. Dessa forma busca-se demonstrar como o discurso hegemônico mobiliza recursos públicos para sustentar sua permanência simbólica como dominante. Para a realização da análise proposta, utilizou-se o caso do fechamento do Memorial da Cultura Negra em Ilhéus, como momento simbólico que reflete uma orientação política de priorização de um discurso cultural que encontra correspondências na literatura regional, no caso, a obra *Gabriela, cravo e canela* de Jorge Amado. Analisando o caso citado em conjunto com as políticas de Cultura e Turismo de Ilhéus e também as correspondências da obra amadiana com a ideologia pessoísta, torna-se possível perceber como o discurso dominante em Ilhéus promove o sufocamento de outras narrativas sobre a memória local.

A DIFERENÇA COMO VESTÍGIO E A ESCRITA POÉTICA

Sanqueilo de Lima Santos (UESC)

A escrita como arte, destinada à criação de um texto repleto de valores estéticos, produz a literatura, em sentido eminente. A arte literária e a filosofia apresentam em comum a necessidade de se constituírem, materialmente, no elemento da linguagem. Todavia, o modo como o fenômeno da diferença se desenrola em cada gênero de discurso não são simétricos, nem proporcionais. Não podem ser reduzidos a uma analogia, nem a uma homologia. Todavia, o fenômeno vai além do nosso poder de comparação que pressupõe, ele mesmo, uma qualidade diferenciadora anterior a toda identificação. A nosso ver, é esse tema da diferença (etiológica e genealógica) que Derrida põe em destaque nos questionamentos de *Margens da filosofia*. Se, no interior da cultura "logocêntrica" a diferença aparece como "vestígio", "marca", na literatura, na arte poética ela será o motivo, na realidade, a "regra" do valor poético da escrita. Pretendemos - assumindo todos os inevitáveis prejuízos que isso acarreta seja para o pensamento filosófico, seja para a criação poética - "exemplificar" a diferença no poema "Eu" de Florbela Espanca.

DISCURSO DO FINGIMENTO NAS ARTES LITERÁRIAS SEGUNDO WOLFGANG ISER: A TRÍADE DO REAL, FICTÍCIO E IMAGINÁRIO

Sebastião de Oliveira(Graduado em Letras - UESB)

A presente comunicação tem por objeto o ensaio "Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional" (1979), do teórico da literatura, Wolfgang Iser. Busca-se demonstrar, neste trabalho, como os elementos representativos e formadores da idéia de realidade e ficcionalidade na obra literária partem do "Saber tácito" de que a ficção é "mentira", legitimando, assim, indevidamente, critérios orientadores para a descrição dos textos ficcionais. Partindo dos pressupostos teóricos de Iser, a respeito do par articulatório ficção e realidade, almeja-se explicar como o terceiro elemento, o imaginário, dado por Wolfgang Iser como o mais provável e legítimo meio na explicação do processo de ficcionalidade e de realidade da obra de arte ("Se o fingir não pode ser deduzido da realidade repetida, nele então surge um imaginário que se relaciona com a realidade retomada pelo texto") entra nesta articulação produzindo uma informação nova a respeito do fictício e do real, diferentemente do "saber tácito". Desse modo, o objetivo principal de nossa comunicação é a exposição da tríade

do real, do fictício e do imaginário para uma melhor e mais complexa compreensão do que seja a literatura.

SOUSÂNDRADE E A CONSTRUÇÃO DAS HISTÓRIAS DA LITERATURA BRASILEIRA

Silvia A. A. Araújo (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

O trabalho propõe uma análise dos pressupostos que fundamentaram a construção das diversas "histórias da literatura brasileira" publicadas ao longo do século XIX e meados do século XX, bem como as mudanças ocorridas no foco das investigações literárias com o surgimento e veiculação das idéias concebidas pelos teóricos da chamada Estética da Recepção. Para essa reflexão, contaremos como referência teórica com o texto "História da literatura: um gênero em crise" (2002), de Paulo Franchetti, realçando o modo como ele situa os diversos autores de histórias da literatura no Brasil, de Sílvio Romero a Alfredo Bosi. A partir dessas referências, é possível refletir sobre os critérios utilizados pela crítica literária no sentido de incluir ou excluir determinados autores do cânone nacional. No universo da Literatura Brasileira, este trabalho confere especial atenção ao poeta maranhense Joaquim de Sousa Andrade, o Sousândrade (1832-1902), que foi deixado à margem pela crítica contemporânea à sua produção poética e mais tarde recuperado pelos irmãos Augusto e Haroldo de Campos em volume publicado na década de 60.

A DONZELA TEODORA: DA NOVELÍSTICA EUROPÉIA AOS FOLHETOS DE CORDEL NO BRASIL

Soleane R. Lustosa. (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

Nossa comunicação versa sobre a novelística européia e sua apropriação pelos cordelistas no Brasil. Especificamente, trata-se de discorrer sobre a novela *História da Donzella Theodora*, traduzida do castelhano para o português por Carlos Ferreira Lisbonense, impressa em 1712, e sua re-elaboração em versos por um dos mais conhecidos poetas populares, Leandro Gomes de Barros (Paraíba, 1869 – Recife-1918). *A História da Donzela Teodora, tirada do grande livro da Donzela* é composta de 142 sextilhas, no esquema ABCBDB, e foi publicada na Paraíba em princípios do século XX. A partir da compilação dos textos e do estudo realizado

por Luís da Câmara Cascudo, nos livros *Vaqueiros e Cantadores* (1939) e *Cinco Livros do Povo. Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil*, de 1953, abordaremos, sobretudo, a presença dos enigmas e adivinhações inseridos na narrativa da donzela que vence os maiores sábios nas disputas intelectuais através do jogo das adivinhações a ela proposto e por ela solucionado, forma essa que pode ser lida como uma espécie de antecedente culto do Desafio ou Peleja, característico do cantador repentista.

O MASCULINO EM JORGE AMADO

Sylvia Maria Campos Teixeira (Professor Visitante - UESC)

No presente artigo, discutimos o modelo de masculinidade que a sociedade burguesa construiu como sua auto-imagem (Mosse, 1997). Dentro dessa ideologia dominante, o homem é descrito a partir de determinadas qualidades – virilidade, coragem – e, sobretudo, daquelas associadas à força, à violência, à agressividade (Nolasco, 2001). O culto à masculinidade é flagrante na obra de Jorge Amado, principalmente nos romances em que é narrada a implantação da lavoura cacauzeira na região sul da Bahia. Com base no suporte teórico da Análise do Discurso (Pêcheux, 1988), analisamos o personagem Coronel Horácio, de *Terras do sem fim*, detectando os enunciados, no sentido foucauldiano (1995), que nos dão uma visão de um "coronel do cacau", como símbolo da violência de uma "terra adubada com sangue", e nos remete a uma memória discursiva, engendrada desde a Antiguidade clássica.

CESÁRIO VERDE: O NOVO SENTIMENTO DUM OCIDENTAL

Tércia Costa Valverde (PPGLDC - UEFS)

José Joaquim Cesário Verde (1855 – 1886) é um poeta significativo no quadro literário português, pois esteve além do seu tempo e lugar, podendo ser apontado como um dos precursores do modernismo. Em seu poema "O Sentimento dum ocidental" (1880), o leitor pode perceber a impressão do eu-lírico perante a cidade e a nova realidade que surge no seu país. O que Cesário Verde propõe, é uma releitura do passado, a fim de que o presente seja percebido de forma crítica, e o futuro construído sob uma perspectiva menos inocente. Na visão desse poeta parnasiano, o mundo está em transformação, sendo, portanto, um mundo fragmentado, múltiplo e inconsistente, susceptível a novos valores e

ideologias. Aqui (no poema), o homem está em conflito, mas aceita as mudanças no modo de vida da sociedade. O cenário urbano é mostrado pelo deambulador, que passeia pelas ruas, praças e lojas de sua Lisboa e que, ao invés de se interessar pelos *mares nunca dantes navegados*, mergulha no interior de Portugal, para entendê-lo e construí-lo.

JORGE AMADO NA "TERRA DE GABRIELA"

Tereza Cristina Damásio Cerqueira (UEFS)

O presente estudo, com base na Análise do Discurso de linha francesa, refere-se ao percurso discursivo em torno do escritor Jorge Amado, em Ilhéus, "terra de Gabriela", até dar origem à "terra de Jorge Amado". O objetivo é, portanto, analisar os discursos produzidos pela Prefeitura Municipal de Ilhéus, enquanto 'discurso oficial', e o discurso da *Ilhéus Revista* e outras mídias, enquanto "discurso não oficial", confrontando ambos, a fim de compreender o espaço urbano e os efeitos de sentido produzidos na transição de discursos que operam do "criador" - Jorge Amado, para a "criatura" - Gabriela, e a ele retornam. Para desenvolvermos este trabalho, selecionamos os referidos materiais a partir da década de 80 até o ano de 2004. É mister salientar que o recorte é feito a partir dessa década, porque corresponde ao período de declínio da lavoura cacaueteira, instalando-se na cidade a indústria do turismo como alternativa para "alavancar" o desenvolvimento da economia local e encontrando no romance de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela*, a chave para abrir as portas do novo "éden" econômico.

O DISCURSO MACHISTA EM JORGE AMADO

Tiago Santos Sampaio (IC – UESC)

Sylvia Maria Campos Teixeira (Orientadora – UESC)

Esse trabalho tem como objetivo analisar aspectos dos discursos machistas presentes nas falas da obra *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado. Para isso, utilizam-se como pressupostos teóricos conceitos da análise do discurso e dos estudos culturais. A partir do estudo de fragmentos da obra, é possível perceber elementos do discurso machista, associados ao discurso da identidade cultural regional grapiúna. A análise mostra que o discurso machista, expresso através das práticas discursivas, é um elemento relevante da identidade regional, isto é, a

afirmação da superioridade do homem sobre a mulher constitui um dos aspectos centrais que definem a identidade grapiúna.

MACHADO DE ASSIS SOB O OLHAR DE JOSÉ VERÍSSIMO

*Valdirla M. C. de Souza (Professora Assistente de
Literatura Brasileira - UESB)*

Ao estudar a crítica literária do século XIX, percebemos sua importância e papel na literatura brasileira para elucidação de muitos aspectos de obras ficcionais daquele século. Assim sendo, pretendemos apresentar uma reflexão acerca de estudos realizados pelo crítico José Veríssimo que, ao analisar a história da literatura brasileira, dedicou muitos artigos à obra machadiana. Diante da extensa produção crítica que José Veríssimo realizou, selecionamos alguns textos direcionados ao estudo da produção literária machadiana reunidos em *Estudos de literatura brasileira*, os quais serão apresentados na ordem em que aparecem na organização das séries, ou seja, na primeira — "Alguns livros de 1895 a 1898", o crítico trata de *Várias histórias* (livro de contos) e do romance *Iaiá Garcia*. Na terceira série — "Um irmão de Brás Cubas", José Veríssimo faz algumas considerações referentes às semelhanças e diferenças entre os romances *Dom Casmurro*, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*. Já na quarta série — "O Sr. Machado de Assis: poeta", o historiador trata dos livros de poesias *Crisálidas* e *Falenas*. Por fim, apresentaremos o último capítulo de *História da literatura brasileira*: "Machado de Assis", no qual José Veríssimo ratifica sua posição de reconhecimento e valorização do escritor fluminense, fato que se faz notar em todos os seus ensaios acerca da obra de Machado de Assis.

O LUGAR DA CRÍTICA NA RECEPÇÃO À OBRA DE RUY ESPINHEIRA FILHO

Valéria Lessa Mota (Professora Assistente de Literatura Brasileira - UESB)

O objetivo deste trabalho é apresentar as condições e caráter da recepção crítica à obra do escritor baiano, Ruy Espinheira Filho, que é radicado em Salvador-BA. O poeta tem sido objeto de um amplo painel de leituras. Oriundas de vários lugares do país, essas abordagens críticas são realizadas por críticos ligados à atividade poética e de tradução. A maioria deles compartilha com Ruy Espinheira Filho a mesma concepção poética, o projeto literário e a atuação jornalística. As condições da crítica à obra do poeta e o silêncio dos demais

profissionais da literatura sobre essa obra apontam para questões relacionadas ao caráter restritivo da crítica no Brasil, o qual interfere no discurso da história literária nacional.

ROSA E ANARDA: METÁFORA DA EFEMERIDADE EM DOIS POEMAS DE MANUEL BOTELHO DE OLIVEIRA

Vanderli M. da Silva (Pós-graduação em Teoria e História Literária - UESB)
Marcello Moreira (Orientador – UESB)

Objetiva-se discutir a representação da efemeridade da vida, na poesia seiscentista produzida na América portuguesa, por meio da análise de dois poemas compostos por Manuel Botelho de Oliveira e inseridos no "Primeyro Coro de Rimas Portuguesas", na seção dedicada a "Anarda": "Rosas de listões no cabelo de Anarda" e "Rosa e Anarda". Discutem-se, primeiramente, os procedimentos da elocução, em que se vale da rosa como metáfora da beleza e da efemeridade e passa-se à exposição da relação entre os poemas sob análise e a *vanitas* no Seiscentos.

PERCORRENDO HISTÓRIAS, ENTRECRUZANDO SABERES

Verbena M. R. Cordeiro (Professora Doutora de Teoria da Literatura da UNEB)

Trata-se de uma pesquisa de campo que investiga as histórias de leitura dos alunos dos cursos de Letras e de Pedagogia do Estado da Bahia/UNEB, tendo como eixo balizador a sociologia da leitura. Nessa perspectiva, este estudo, ao inventariar tais histórias, pretende explicitar as categorias que configuram os intrincados cruzamentos entre livro, autor, leitor, recepção e sociedade. Isso significa, em um primeiro momento, examinar como e em que medida as histórias particulares de leitura produzem diferentes alunos-leitores, a depender do lugar social que cada um ocupa e de condições materiais de sua inserção no mundo letrado. Em um segundo momento, este trabalho, focalizado mais particularmente no repertório das leituras literárias desses alunos, busca apreender como os seus diferentes percursos de leitura modelam diferentes graus de percepção e sensibilidade em relação ao mundo ficcional e à experiência estética.

“A MENINA DE LÁ”, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA, E A FORMA DO GÊNERO LEGENDA

Verônica Dias Castro (IC - UESB)
Marília Librandi Rocha (Orientadora - UESB)

A presente comunicação tem como objetivo o estudo dos gêneros literários aplicado à leitura e análise do texto ficcional, especificamente, o estudo do gênero *Legenda* aplicado à leitura do conto “A menina de lá”, de João Guimarães Rosa (*Primeiras Estórias*, 1962). Trata-se de verificar a presença de uma estrutura similar à das narrativas de “vida de santos” na construção do conto roseano, auxiliando assim a compreensão e interpretação da heroína Nhinhinha, figuração da criança que opera milagres no interior do sertão do Brasil. Nossa comunicação apóia-se teoricamente na obra de André Jolles, *Formas simples* (1930), especialmente no capítulo dedicado à *Legenda*. Quanto à fortuna crítica de Guimarães Rosa baseamo-nos na abordagem proposta por Alfredo Bosi, no ensaio “Céu, inferno”, quando contrasta a postura de Graciliano Ramos com a de João Guimarães Rosa em relação à representação da religiosidade popular.

LETRAS E MEMÓRIA NACIONAL NO PENSAMENTO CRÍTICO

Viviane Gama (Pós-graduação em Teoria e História Literária)
Marcello Moreira (Orientador – UESB)

Objetiva-se discutir as relações entre discurso crítico no campo literário e nacionalidade, a partir dos escritos de Astrogildo Pereira e de Roberto Schwartz. Visa-se a dimensionar historicamente a importância da escrita da crítica literária para a formação da idéia de Nação, considerando-se o percurso da crítica, desde o Oitocentos, até os referidos intelectuais.

AS PRÁTICAS SIGNIFICANTES E O PROJETO ÉTICO E ESTÉTICO EM *MEU AMIGO MARCEL PROUST*, ROMANCE DE JUDITH GROSSMANN

*Viviane Ramos de Freitas (Mestranda em Teorias e Crítica da
Literatura e da Cultura -UFBA)*
Lígia Guimarães Telles (Orientadora – UFBA)

Em *Meu amigo Marcel Proust romance*, a narradora provoca uma subversão no universo estandardizado da sociedade do consumo, ao brincar com a função das coisas, criando possibilidades inusitadas pelo uso diferenciado dos produtos, dos objetos, dos espaços. Essas práticas significantes reinventam os espaços, alteram a identidade funcionalista das coisas, re-significando-as, ultrapassando os limites que as determinações do objeto fixam para o seu uso, criando uma passagem para o outro, permitindo saídas. O trabalho visa a ressaltar o projeto ético e estético que há no romance, no qual a arte assume uma função reparadora, restauradora da aura, perdida num mundo reificado.

DEVIR E DESTERRITORIALIZAÇÃO EM KAFKA

Zamara Araújo dos Santos (Professora Assistente de Filosofia - UESB)

O encontro entre filosofia e literatura revela um horizonte de possibilidades e desdobramentos diáfanos que permite ao pensamento flunar *ad infinitum* num ambiente de fluxos e intensidades. Pretendemos, sob o crivo da filosofia de Gilles Deleuze, estabelecer a rúbrica desse fértil encontro a partir da obra literária de Kafka, tomando como fio condutor a idéia de que esta se vê atravessada por um duplo aspecto: um movimento de desterritorialização conjugado a um devir que desaloja o problema da expressão da esfera das significações abstratas universais para um movimento de desterritorialização que, seguindo uma linha de fuga, evoca no trânsito da língua e da literatura seu exercício "menor", de onde emerge uma potência, uma "máquina de expressão". Marcado por um "devir animal" e um movimento de "desterritorialização múltipla", a linguagem, o sentido e o componente individual subjacente perdem sua territorialidade e, desse modo, sua dimensão significativa ou significante, dando lugar aos fluxos de um devir que inclui e encerra a diferença enquanto diferença de intensidade.

A LITERATURA FEMININA NA CHAPADA DIAMANTINA

*Zilda de O. Freitas (Professora Doutora de
Literatura Portuguesa - UESB/UNEB)*

Esta reflexão circunscreve-se em torno da contribuição da literatura feminina da Chapada Diamantina para a literatura baiana canônica e brasileira, de maneira geral. A relevância de estudar as obras literárias produzidas por mulheres no interior baiano consiste em se conhecer melhor o cenário cultural da Chapada

e suas relações com outras regiões brasileiras, pois aí está implicado, entre outros, um discurso masculino convencional, que obscurece a produção das autoras. Quase nada se sabe sobre a literatura de autoria feminina nesta região. Os dicionários e histórias literárias não registram esta produção ou o fazem superficialmente. Colaboração em jornais, pequenas antologias poéticas e entrevistas na mídia local costumam ser as únicas fontes de pesquisa e recursos que viabilizam o acesso aos textos das escritoras da Chapada. Obras anteriores ao século XX só estão disponíveis para consulta, se familiares ou amigos preservaram-nas. Raramente bibliotecas municipais, escolares ou centros culturais dispõem de espaços físicos e profissionais capacitados para a catalogação, exposição e preservação deste acervo. O estigma social imposto à mulher escritora só vai ser questionado e transgredido nas últimas décadas do século XX, embora ainda existam obras que reproduzam o obscurecimento da condição feminina, negligenciando as contribuições da pós-modernidade para a construção da sua identidade cultural. Autoras calmonenses como Raulina Requião ou Dalva Vilaronga estão em contraste com a postura arrojada de Joelma Gisele, poeta jacobinense contemporânea. Mistas, diversificadas são as obras coletivas das autoras de Morro do Chapéu. Por serem escritoras de personalidade poética, estilo e faixa etária diferenciada, é perceptível ora a reprodução do cânone ora a rasura, o desvio do padrão, em poemas realmente criativos.

ARTE E RESISTÊNCIA NA POÉTICA MODERNA E CONTEMPORÂNEA DE *VIDAS SECAS*

Maria de Lourdes Dionizio Santos. (UNESP, Araraquara)

Trata-se de uma leitura de *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, com vistas nos aspectos poéticos de sua narrativa. Ao observarmos o discurso narrativo desse romance vemos nos saltar aos olhos a criação da sua poesia, através do ritmo e das imagens. A poesia aparece em *Vidas Secas* desde a escolha do título – as palavras vidas secas – cujo conteúdo manifesta um forte teor semântico. Dizer o que é a poesia de uma obra dessa categoria seria aprisioná-la a grades, limitando-lhe a infinidade de sua dimensão interpretativa. Contudo, podemos sentir, nessa leitura, que a poesia (desse romance) pode ser sentida a partir do seu jogo de imagens revelado através das ações que extrapolam as palavras, libertando-se destas e tomando suas formas autônomas. A vida, que sendo seca, surge do nada, desprovida do imprescindível, brota da linguagem simples da obra e se faz imagem, essência representada pelos personagens que se pretendem seres

humanos. Neste sentido, *Vidas secas* poderia ser uma resposta à existência dos personagens que a compõem: a negação de ser. Na busca obstinada por sobrevivência, o grupo enfrenta o seu maior inimigo, a Natureza (seca) e suas conseqüências: fome, sede, cansaço, pedras e espinhos. Assim, os maiores problemas do grupo decorrem muito mais de sua própria condição em meio à Natureza hostil. Neste meio, no qual o poético busca sobreviver, percebemos as almas e os objetos aprisionados pelos mecanismos que estão a serviço da produtividade, conforme o vemos em *Vidas secas*, lugar onde o silêncio se faz poesia. Assim, observamos que, nesse romance, como em outra obra desse porte, é o seu valor artístico que irá se sobrepor a qualquer outro, compondo dessa forma, a poética moderna e contemporânea na arte da resistência aos conflitos humanos aqui representados.

A VISÃO MODERNA DO CONTO DE FADA EM SHREK: O BICHO-PAPÃO VIRA PRÍNCIPE E A PRINCESA SE CONVERTE EM BICHO-PAPÃO

Miriam Ramos dos Santos (Letras – UESB)

Sandra S. S. Santana (Letras – UESB)

Nayara R. da Paixão Santos (Bolsista Estação da Leitura; Letras – UESB)

Maria Afonsina Ferreira de Matos (Orientadora – UESB)

Este trabalho pretende estudar algumas características do filme de animação “Shrek”, dirigido por Andrew Adamson e Vick Jenson. O personagem “Shrek” foi criado pelo escritor William Steig em 1990. Trata-se de um estudo que investiga, nesse conto de fadas atual, indícios de mudanças no conceito tradicional do conto para crianças, em especial, no protótipo dos personagens que representam o herói e a realeza. Tomando como base o filme citado far-se-á uma análise organizada em torno de tópicos: a princípio, a investigação será efetuada na forma de revisão teórica acerca da forma e estrutura dos contos de fadas; após este estudo panorâmico, o conto será analisado de modo a observar as características dos seus principais personagens – o ogro, a princesa e o príncipe – a fim de verificar possíveis sinais de alteração na idéia a eles atribuída – aparência, personalidade e atitudes. A exposição de um ogro /bicho-papão/ herói é um aspecto digno de reflexão. As imagens do príncipe – depreciativa- e da princesa – realista - confronta com a figura impecável de realeza construída na Idade Média. O enredo desse filme refletiria um processo de humanização dos personagens do conto de fada no imaginário infantil? Este estudo pretende ser uma reflexão sobre o assunto.

POESIA CONCRETA: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA ESTÉTICA PÓS-MODERNA.

Reinaldo Santana Pinheiro (Bolsista Fapesp, UESB)
Raimundo Lopes Matos, Professor DCHL, UESB)

Trata-se de uma análise da poesia concreta à luz dos pressupostos semióticos, que tem nos estudos de Charles Sanders Peirce a sua principal base teórica. A presente pesquisa se justifica pela relevância dessa poética para o desenvolvimento da Literatura Brasileira, visto que essa preconiza o nascimento de uma nova perspectiva na construção de poemas que culminou na ruptura com o espírito pragmático dos modernistas e no nascimento da estética pós-moderna; também, pela carência de estudos aprofundados sobre esses textos, pois pouca importância lhes é dada por grande parte dos estudiosos da Literatura Brasileira. O trabalho tem por objetivo apresentar o quão diversificado e rico é o universo das significações da referida poesia. Para tanto foram feitas leituras e releituras de textos teóricos sobre o concretismo, bem como sobre Teoria da Literatura. Entre esses conhecimentos e os pressupostos semióticos é traçado um paralelo visando a ampliar o horizonte de interpretantes sógnicos dos textos artísticos literários concretistas. Demonstra, assim, o caráter de signo genuíno e, portanto, portador de natureza dinâmica *ad infinitum* no que tange ao universo de significações. Além disso, procura mostrar a ruptura com o pragmatismo moderno.